

RESTAURO

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

O PATRIMÔNIO CULTURAL NO NOVO PAC

IPHAN


PESTA
PESTA
PESTA


TURBO

RESTAURO

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

O PATRIMÔNIO CULTURAL NO NOVO PAC

EXPEDIENTE

PRESIDENTE DA REPÚBLICA
LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA

MINISTRA DA CULTURA
MARGARETH MENEZES

PRESIDENTE DO INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN)
DEYVESSON GUSMÃO

DIRETORIA DO IPHAN
ADRIANA FÁTIMA BORTOLI ARAÚJO
CEJANE PACINI LEAL MUNIZ
DANIEL BORGES SOMBRA
ELISA MACHADO TAVEIRA
MARINA DUQUE COUTINHO DE ABREU LACERDA

DEPARTAMENTO DE AÇÕES ESTRATÉGICAS E INTERSETORIAIS (DAEI/IPHAN)
DANIEL BORGES SOMBRA

SUPERINTENDÊNCIA DO IPHAN EM PERNAMBUCO
FREDERICO DE VASCONCELOS BRENNAND

GOVERNADORA DE PERNAMBUCO
RAQUEL LYRA

PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO (FUNDARPE)
RENATA DUARTE BORBA

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

RESTAURO

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

O PATRIMÔNIO CULTURAL NO NOVO PAC

BRASÍLIA
2026

COORDENAÇÃO EDITORIAL
MARINA SIMON

TEXTOS
CLEIDE ALVES E JOSENA N. L. RIBEIRO

EDIÇÃO DE TEXTOS
MARINA SIMON

PROJETO GRÁFICO
CARLOS DRUMOND

DIAGRAMAÇÃO
RICARDO MELO

FOTOS
ALÊ TUBÚRCIO
DANI PEDROSA
EDUARDO CUNHA
ELLEN LABENSKI
ELPÍDIO LINS SUASSUNA
FILIPE ARAÚJO
MARIANA ALVES
MORGANA NARJARA
PAULO ANDRÉ PEDROSA BEZERRA
ROBSON LEMOS
RONNY COLORS
SILLA CADENGUE
VITOR PACHECO
YACY RIBEIRO

CURADORIA DE IMAGENS
JOSENA N. L. RIBEIRO
MARIANA ALVES
MARINA SIMON

REVISÃO
PÉRSIDE OMENA RIBEIRO
TAMARA M. DE ANDRADE BONILLA

FOTO DA CAPA
MARIANA ALVES

COLABORAÇÃO
AMARILES ARAÚJO DA SILVA
JOSÉ EDUARDO POZZETTI DE LIMA
PATRÍCIA ALVES DE SOUZA
PEDRO HENRIQUE BRAGA IANHEZ
RENATA DUARTE BORBA
RICARDO JAVIER BONILLA
SANDRA TURCATO
THAÍSA D'AGOSTINO

APOIO
COMPANHIA EDITORA DE PERNAMBUCO (CEPE)

COOPERAÇÃO
UNESCO

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
BIBLIOTECA ALOÍSIO MAGALHÃES, IPHAN

R436
Restauro : Mosteiro de São Bento de Olinda : o patrimônio cultural no novo PAC / coordenação editorial: Marina Simon ; textos : Cleide Alves e Josena N. L. Ribeiro. – Dados eletrônicos (1 arquivo PDF). – Brasília : Iphan, 2026.
112 p.
Modo de acesso: www.gov.br/iphan/pt-br
ISBN: 978-85-7334-534-6
Restauração. 2. Arquitetura religiosa. I. Simon, Marina. II. Alves, Cleide. III. Ribeiro, Josena N. L.

CDD 726.288

ELABORADO POR ODILÉ VIANA DE SOUZA – CRB-1/2120

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

IPHAN.GOV.BR

PUBLICACOES@IPHAN.GOV.BR

DAEI@IPHAN.GOV.BR

DISPONÍVEL EM BIBLIOTECADIGITAL.IPHAN.GOV.BR

SUMÁRIO

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA: PATRIMÔNIO VIVO DO BRASIL

10

PATRIMÔNIO PRESERVADO: UMA POLÍTICA DE ESTADO

12

O MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA E A FORÇA DA PRESERVAÇÃO CULTURAL

14

INTRODUÇÃO

16

O RENASCIMENTO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

26

ARTIGO - A PRESERVAÇÃO SE CONSTRÓI EM CONJUNTO

68

ORA ET LABORA: OS 434 ANOS DE HISTÓRIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO

70

ARTIGO - A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO MATERIAL

88

LINHA DO TEMPO

90

ARTIGO - O SISTEMA NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA PRÁTICA: O CASO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO NO NOVO PAC

94

UMA OBRA DE MUITAS MÃOS

98

ARTIGO – O PROCESSO DE CONTRATAÇÃO DOS SERVIÇOS DE RESTAURO NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO

106

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

108

FICHA TÉCNICA DA OBRA

110

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA: PATRIMÔNIO VIVO DO BRASIL

FILIPE ARAÚJO/ MINC



Por Margareth Menezes, Ministra de Estado da Cultura

O Ministério da Cultura, do governo do presidente Lula, trabalha com o compromisso de fortalecer e ampliar políticas de cultura para preservar o patrimônio cultural no âmbito do Novo PAC. Trabalhamos com a compreensão de que nosso patrimônio é herança a ser protegida e força viva de pertencimento, conhecimento, dinamização dos territórios e geração de emprego e renda. Em um país de extraordinária riqueza cultural, cuidar do patrimônio é valorizar histórias, identidades e legados e afirmar a cultura como eixo estratégico do desenvolvimento e soberania nacional.

Depois dos volumes dedicados ao Palácio Gustavo Capanema, no Rio de Janeiro, e à Vila de Paranapiacaba, em São Paulo, o terceiro volume da coleção apresenta o restauro do Mosteiro de São Bento de Olinda em Pernambuco.

Símbolo da identidade pernambucana, marco maior do barroco brasileiro e bem reconhecido como Patrimônio Mundial, o Mosteiro representa de forma exemplar a grandeza e a complexidade de nossa herança cultural. Seu restauro, viabilizado com investimento superior a R$ 16

milhões no âmbito do Novo PAC, numa parceria entre o Governo de Pernambuco, o Governo Federal, o Iphan e a Fundarpe, expressa uma visão de Estado comprometida com a preservação responsável e qualificada de bens culturais de alto valor histórico, artístico e simbólico.

Acreditamos que devemos promover políticas para o patrimônio como garantia de direitos culturais e como políticas de Estado. Dessa maneira, restaurar o Mosteiro de São Bento é preservar conhecimento, assegurar memória e transmitir às futuras gerações um patrimônio que ajuda a contar quem somos, de onde viemos e como é o país que queremos construir.

O Mosteiro de São Bento se destaca pela excepcional beleza arquitetônica e pela riqueza de seus elementos artísticos, que o tornam uma referência incontornável para o patrimônio brasileiro. Sua preservação fortalece a memória e a identidade de Pernambuco, demonstrando o valor de um bem cultural vivo, que segue inspirando a vida urbana, a produção cultural e o orgulho das pernambucanas e dos pernambucanos.

Investir em patrimônio é investir em desenvolvimento. Isso mobiliza cadeias produtivas, ativa saberes técnicos especializados, fortalece a economia da cultura, impulsiona o turismo e amplia a circulação de renda nos territórios. Cada obra de restauro conduzida com responsabilidade e compromisso demonstra o nosso amor à memória com vistas ao nosso futuro, com base em nossa história, em nossa diversidade e em nossa capacidade de transformar memória em valor social e econômico.

O patrimônio cultural brasileiro possui ativos fundamentais em diversos estados, e Pernambuco ocupa lugar de destaque nessa dimensão. Por isso, para o governo do presidente Lula — também pernambucano —, esta entrega tem relevância cultural e estratégica especial.

Que esta leitura seja também um convite ao deleite e um despertar para reconhecer a força do nosso patrimônio cultural e a responsabilidade coletiva de preservá-lo. Aproveitem a leitura.

PATRIMÔNIO PRESERVADO: UMA POLÍTICA DE ESTADO

YACY RIBEIRO/SECOM



Por Raquel Lyra, Governadora do Estado de Pernambuco

Nós somos a nossa história. As pessoas passam, mas a memória nos mantém integrados. Isso é verdade no âmbito familiar e ainda mais profundo quando se trata de um povo unido por sua cultura. Para que a grandeza de Pernambuco permaneça viva, é necessária a decisão política de preservar.

A valorização da cultura em nosso governo é uma ação planejada e firme. O que escolhemos restaurar indica para onde queremos ir. Pernambuco vive um momento de mudança, mas jamais de esquecimento. Escolhemos honrar nosso passado para projetar um futuro onde voltemos a ser referência — sempre a "velha casa", visando a "nova Roma".

Essa visão se traduz em prioridade absoluta. Assumimos o compromisso de resgatar nossa identidade com um investimento histórico em recuperação de patrimônio: entre janeiro de 2023 e maio de 2026, destinamos cerca de R$200 milhões para obras de restauro em todo o Estado. É uma escolha política de tratar o patrimônio como um ativo vivo de desenvolvimento social, econômico e de afirmação do orgulho pernambucano.

Não há estado com identidade tão pulsante quanto o nosso. E quem pensa em Olinda, Patrimônio Mundial, tem o Mosteiro de São Bento como imagem de fé e beleza. Segunda casa beneditina do Brasil, este monumento atravessou séculos e invasões, consolidando-se como um dos maiores expoentes do barroco brasileiro.

Este terceiro volume da Coleção Restauro, iniciativa do Iphan para documentar grandes intervenções do Novo PAC, narra o restauro deste Mosteiro, conduzido pelo Governo de Pernambuco, via Fundarpe. Com investimento de mais de R$16 milhões, viabilizados pelo Novo PAC, o Governo de Pernambuco em parceria com o Governo Federal devolve ao mundo o esplendor deste símbolo. Não foi apenas um "embelezamento", mas uma ação de Estado baseada em rigorosa investigação científica e respeito à materialidade histórica.

Pernambuco vive em cada patrimônio religioso que requalificamos, como na Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, em Garanhuns, e no Terreiro Ilê Obá Ogunté, em Água Fria. Vive na resistência dos nossos fortes e na pulsação do Cinema São Luiz e do Cine Theatro Guarany. Nosso Estado vive, agora, também na estrutura renovada deste Mosteiro.

Nosso trabalho não tem limites geográficos: alcança de Fernando de Noronha ao Sertão. Acreditamos que, quando as pessoas se reconhecem em seu chão, elas moram felizes. Que esta leitura seja um convite para celebrar o restauro não apenas de um prédio, mas da própria alma pernambucana.

O MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA E A FORÇA DA PRESERVAÇÃO CULTURAL

VITOR PACHECO



Por Deyvesson Gusmão, Presidente do Iphan

O patrimônio cultural brasileiro guarda as marcas de nossa história e das nossas experiências coletivas. Restaurar um monumento significa assegurar a permanência de referências fundamentais para a identidade brasileira e sua transmissão às gerações futuras. Nesse contexto, o restauro do Mosteiro de São Bento de Olinda, em Pernambuco, reafirma a preservação do patrimônio cultural como instrumento de valorização da memória, fortalecimento da identidade brasileira e de desenvolvimento.

Guardião da memória beneditina em Pernambuco desde o século XVI, o conjunto chega ao presente como um dos mais importantes testemunhos do barroco brasileiro. Tombado pelo Iphan em 1938, o monumento carrega em suas estruturas marcas profundas da história do Brasil.

Após décadas encoberta por vernizes escurecidos e sucessivas camadas de repintura, a Igreja Abacial volta a revelar sua ambiência barroca original. O reaparecimento dos douramentos e cores restitui ao espaço sua dimensão estética e simbólica. Foi um restauro complexo e que representou o reencontro da população com sua própria memória cultural.

Realizada numa parceria entre o Governo Federal, por meio do Iphan, e o Governo de Pernambuco, por meio da Fundarpe, a obra recebeu investimentos de R$ 16,4 milhões via Novo PAC, e integra um amplo conjunto de ações federais. Atualmente, o Iphanconduz 243 ações de preservação em mais de 80 municípios, totalizando R$ 771,8 milhões de investimentos via Novo PAC. São intervenções que corroboram a gestão do patrimônio cultural como política estratégica para o desenvolvimento, a educação, o turismo, a geração de renda e a cidadania.

O trabalho mobilizou equipes multidisciplinares e altamente especializadas, que seguiram uma rigorosa metodologia de restauro. Cada etapa exigiu rigor técnico, pesquisa histórica, conhecimentos científicos e sensibilidade. Todo esse processo está ricamente documentado neste terceiro volume da Coleção Restauro, iniciativa do Iphan para registrar as intervenções no âmbito do Novo PAC.

Ao devolver a espacialidade original do Mosteiro de São Bento, o restauro revela novamente a força artística, histórica e simbólica de um dos mais importantes conjuntos barrocos do país. Preservar é garantir que as atuais e as futuras gerações conheçam e vivenciem a riqueza de nossa trajetória coletiva. Desejo a todas e todos uma excelente leitura!

INTRODUÇÃO

As cores originais da Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento de Olinda voltam lentamente à luz após décadas ocultas por vernizes escurecidos e sucessivas camadas de repintura. Para restaurar este monumento histórico – edificado no final do século XVI e reconstruído nos séculos seguintes –, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) investiu R$ 16,4 milhões no âmbito do Novo PAC. O restauro foi executado pelo Governo de Pernambuco, por meio da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe).

Guardião da memória beneditina em Pernambuco desde o século XVI, o mosteiro passa agora a acolher religiosos, visitantes e a população de Olinda sob uma nova feição, mais próxima das características artísticas barrocas que foram reinterpretadas ao longo de mais de 400 anos de história do conjunto. O douramento reapareceu nas talhas. Antigos tons de azul e vermelho tornam novamente visível a ambiência barroca concebida no século XVIII para envolver o fiel em uma experiência sensorial e religiosa, que transformava aquele espaço num lugar de encontros da comunidade.

A intervenção contou com obra civil e restauro dos bens integrados. A primeira teve como objetivo executar serviços de restauração na Basílica, onde se encontram os bens integrados. Incluiu intervenções na cobertura e nas alvenarias e reforço de fundações, além de instalação de projeto de combate a incêndio e pintura externa.

O restauro dos bens integrados apoiou-se numa equipe formada por 43 profissionais, entre conser-

> “Quero expressar nossa gratidão a todos os que trabalham na Fundarpe e no Iphan pela valiosíssima conquista dos recursos para o restauro do Mosteiro de São Bento de Olinda. Este monastério quatro vezes centenário tem um valor imensurável histórico, cultural e religioso para o nosso estado de Pernambuco e também para o Brasil.”
>
> **DOM ANDRÉ DOS SANTOS VICENTE**, PRIOR ADMINISTRADOR DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA.



MARIANA ALVES

Detalhes dourados no altar-mor do Mosteiro de São Bento de Olinda demonstram como diálogo entre arte, arquitetura e sacralidade atravessaram mais de quatrocentos anos

vadores-restauradores e auxiliares, marceneiros e entalhadores, que atuaram na restauração dos bens integrados da capela-mor e da nave da igreja (o lugar onde os fiéis assistem à missa). A execução dos serviços de conservação e restauro ficou sob responsabilidade da empresa Grifo Diagnóstico e Preservação de Bens Culturais Ltda., especializada na conservação do patrimônio histórico e artístico brasileiro.

Coube à equipe técnica realizar os levantamentos preliminares, os diagnósticos do estado de conservação, os estudos históricos e iconográficos, além de definir as metodologias e os critérios de intervenção adotados ao longo da obra.

O trabalho executado na Basílica Abacial incluiu testes para identificar a forma mais segura de remover as sucessivas camadas de repintura presentes na talha e nas pinturas dos forros do nártex e da nave; higienização mecânica; desinfecção e imunização contra cupins; fixação das áreas de policromia e douramento em desprendimento; desmontagem parcial de peças de madeira muito deterioradas; consolidação das estruturas fragilizadas; estudos históricos e iconográficos; análises físico-químicas das camadas pictóricas; estudos cromáticos com aplicação do Natural Color System (NCS, Sistema Universal Codificado); além da limpeza das pinturas, remo-

FOTOS: MARIANA ALVES







Servidores, restauradores e artesãos se uniram na tarefa de completar o restauro do Mosteiro de São Bento de Olinda

FOTOS: MARIANA ALVES











O Mosteiro de São Bento dá vistas às colinas e paisagens naturais da cidade de Olinda

Abaixo, interior do Mosteiro de São Bento

ção de vernizes envelhecidos e retirada de repintes realizados ao longo do tempo. Todos os elementos artísticos e decorativos do mosteiro – tombado pelo Sphan, atual Iphan, em 1938 – apresentavam acúmulo de poeira e sujeira, além de uma grande quantidade de excrementos de morcegos e pombos acumulados ao longo de décadas.

Um monumento vinculado à história do Brasil

O Mosteiro de São Bento de Olinda e sua Basílica Abacial formam um dos mais importantes conjuntos do barroco religioso brasileiro. Embora a configuração atual do complexo tenha sido consolidada ao longo do século XVIII, a presença dos beneditinos em Pernambuco remonta ao século XVI, período da expansão ultramarina portuguesa e da consolidação da colonização no território brasileiro.

Foi nesse contexto que os monges beneditinos chegaram a Olinda, então um dos principais centros políticos e econômicos da América portuguesa, impulsionado pela produção açucareira. Erguida sobre colinas e marcada pela intensa vida religiosa e comercial, a cidade abrigou o convento beneditino como espaço de liturgia, formação religiosa, educação e organização social. Ao longo dos séculos, o mosteiro tornou-se parte da própria construção histórica e cultural de Pernambuco e do Brasil.

Vinculado à história brasileira desde a época colonial, o monumento passa agora por um amplo processo de recuperação de suas talhas barrocas,

“A entrega da monumental Igreja do Mosteiro de São Bento de Olinda, devidamente restaurada, diz muito não só para a comunidade católica, mas para a cultura. Na condição de beneditino, muito me alegra a louvável iniciativa e sensibilidade do governo de Pernambuco para a arte e religiosidade.”

DOM FERNANDO SABURIDO, ARCEBISPO EMÉRITO DE OLINDA E RECIFE.

FOTOS: MARIANA ALVES





Dourado, azul e tons avermelhados abrilhantam a Basílica Abacial do mosteiro



As obras da Basílica Abacial passaram por muitos estudos e vistorias dos órgãos responsáveis, como o Iphan

MARIANA ALVES



SILLAS CADENGUE



MARIANA ALVES



O monumento passou por um amplo processo de restauro de suas talhas barrocas, pinturas originais, retábulos, entre outros

pinturas originais dos forros, retábulos e da leitura cromática original da arquitetura setecentista. As obras tiveram início em novembro de 2024, com a instalação do canteiro, e a etapa correspondente à nave e à capela-mor foi concluída em meados de 2026.

A primeira etapa da obra teve como objetivo devolver à comunidade os espaços de culto, enquanto a segunda etapa contempla a Capela do Santíssimo, a sacristia, a capela abacial e os vitrais da sala do capítulo.. O trabalho de restauro permitiu recuperar parte importante da espacialidade barroca concebida originalmente para o Mosteiro de São Bento, transformada ao longo do tempo por infiltrações, repinturas, ataques de cupins e sucessivas intervenções. Ao revelar antigas cores, douramentos e ornamentações ocultadas durante décadas, a intervenção também restitui novas possibilidades de aproximação entre a população e a memória histórica do monumento, contribuindo para fortalecer os vínculos entre Olinda, sua tradição histórica e sua identidade cultural.

O Mosteiro de São Bento de Olinda e sua Basílica Abacial formam um dos mais importantes conjuntos do barroco do Brasil



DANI PEDROSA



MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

O RENASCIMENTO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

A intervenção na Basílica do Mosteiro de São Bento de Olinda envolveu a recuperação dos bens integrados – pinturas, talha dourada e policromada, entre outros –, a fim de restituir a unidade estética a um dos mais importantes conjuntos barrocos do país. Ao longo dos séculos, infiltrações, sucessivas repinturas, intervenções descaracterizadoras e ataques de cupins alteraram significativamente a aparência e a ambiência do monumento. Com investimento de R$ 16,4 milhões do Iphan, por meio do Novo PAC, o restauro recuperou as cores e douramentos dos elementos decorativos originais da igreja, devolvendo a Olinda e ao Brasil o esplendor de um patrimônio fundamental para a história da arte e da cultura brasileiras.

O Governo de Pernambuco, por meio da Fundarpe, foi responsável pela execução das obras de conservação e restauro, em um processo que durou um ano e oito meses. Para realizar os serviços especializados, foi contratada a empresa Grifo Diagnóstico e Preservação de Bens Culturais. Todo o trabalho contou com a fiscalização e o acompanhamento técnico do Iphan, responsável pela preservação do patrimônio cultural brasileiro.

> “Preservar a nossa memória é uma decisão política. A retomada do PAC pelo Governo Federal garantiu recursos para que um dos locais mais emblemáticos de Olinda fosse recuperado e seu legado preservado para novas gerações.”

DANIEL SOMBRA
DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE AÇÕES ESTRATÉGICAS E INTERSETORIAIS (DAEI) DO IPHAN.

FOTOS: MARIANA ALVES



A complexidade da intervenção

O conjunto arquitetônico do Mosteiro de São Bento, com cerca de 37 mil m2, inclui a Basílica, o Mosteiro e edificações anexas. Na igreja, cada espaço da capela-mor, nave e do nártex recebeu ações específicas para correção de danos e para valorização do conjunto arquitetônico do século XVIII. A intervenção adotou abordagem multidisciplinar baseada em investigação histórica, pesquisa científica, análises laboratoriais, estudos cromáticos e explorações das camadas de pintura. Antes do início das intervenções diretas, a equipe realizou ainda diagnósticos, levantamentos, mapeamentos e estudos iconográficos do conjunto.

PAULO ANDRÉ PEDROSA BEZERRA



O trabalho técnico e interdisciplinar dos restauradores permitiu preservar os aspectos barrocos do templo e as memórias históricas inscritas em cada detalhe



MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

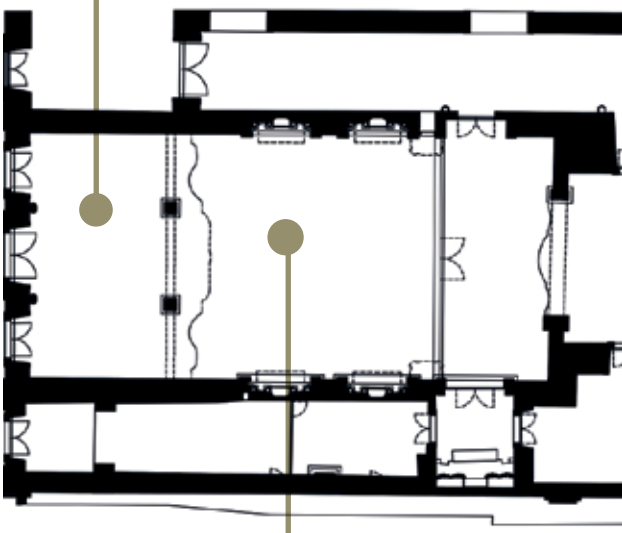
PLANTA DO PAVIMENTO TÉRREO DA BASÍLICA DO MOSTEIRO

Cada espaço da Igreja recebeu ações específicas para ressaltar a beleza do conjunto arquitetônico*

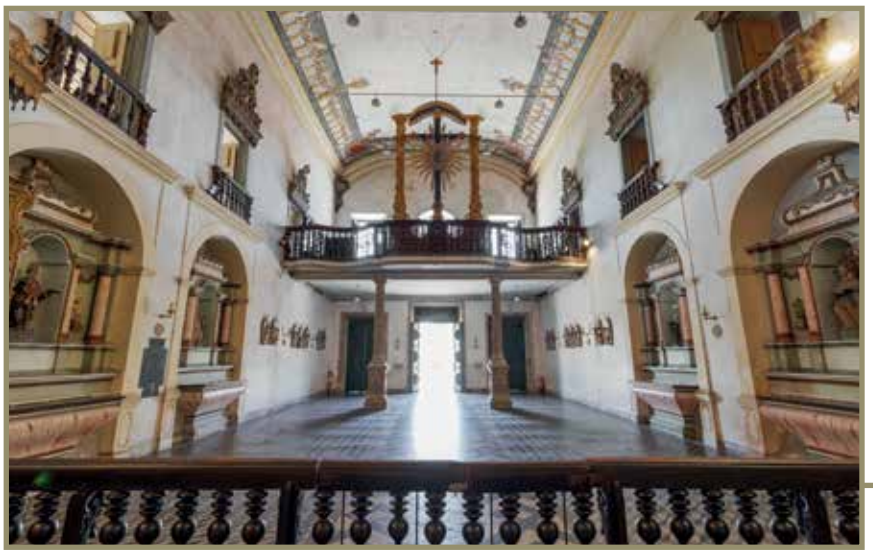
ROBSON LEMOS



NÁRTEX



ROBSON LEMOS



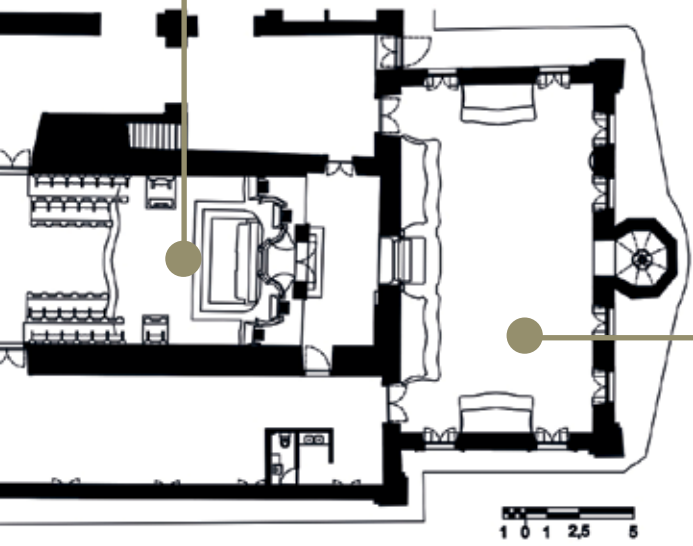
NAVE

* Fotos anteriores ao restauro.

ROBSON LEMOS



CAPELA-MOR



ELPÍDIO LINS SUASSUNA



SACRISTIA

PLANTA:

RONALDO DE CARVALHO L'AMOUR FILHO
E FELIPE DALIA CAMPELO

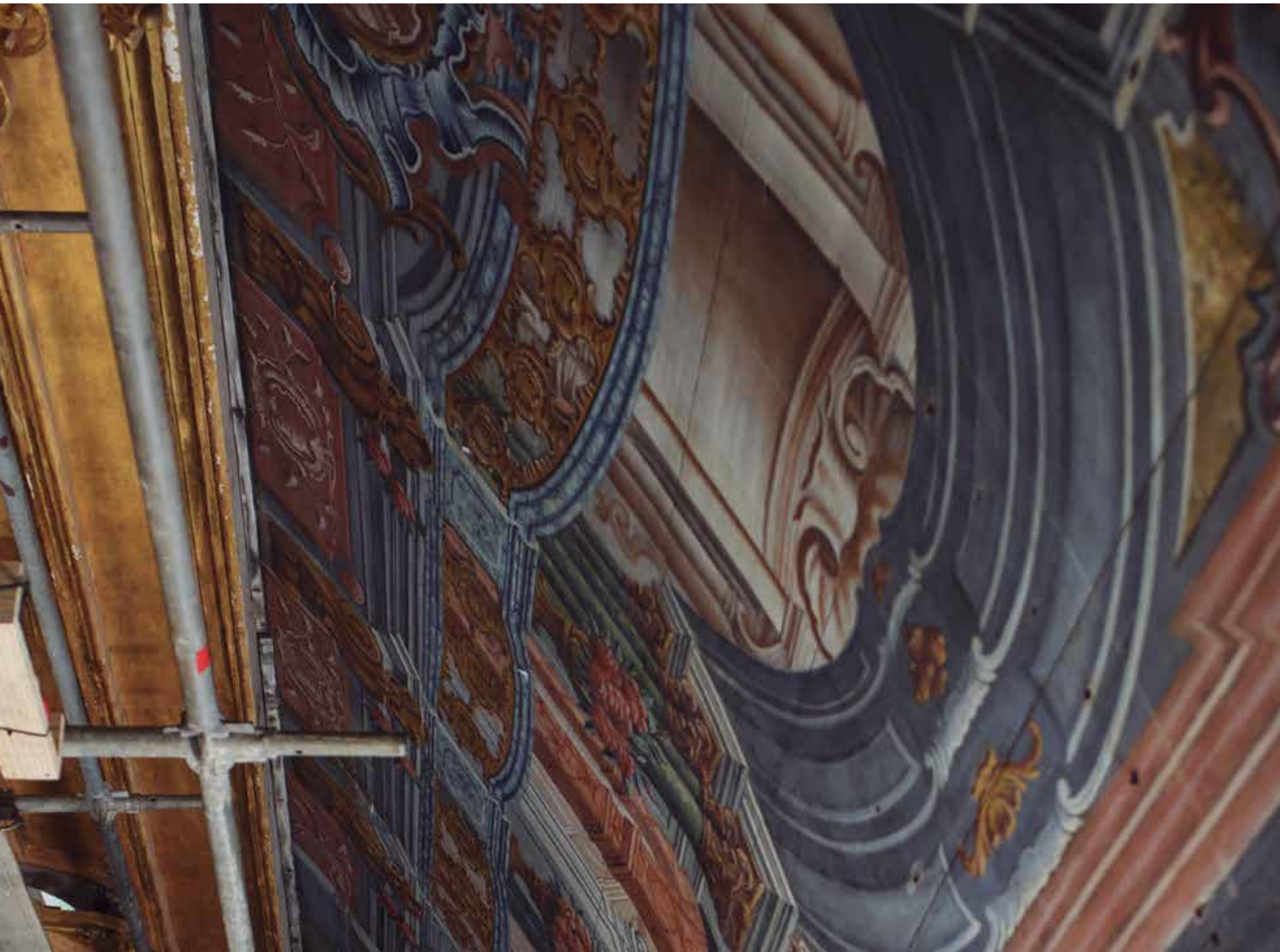
(GRAU - GRUPO DE
ARQUITETURA E URBANISMO)

MARIANA ALVES



“Pensar nessas sucessivas camadas de tinta, nos vernizes envelhecidos e nos depósitos de sujidade que encobriam a rica policromia do edifício é também pensar nas próprias camadas históricas que se sobrepõem, naturalmente, à trajetória de um monumento. Essas camadas constituem testemunhos da passagem do tempo e das diferentes formas de apropriação do espaço.”

PÉRSIDE OMENA RIBEIRO, CONSERVADORA-RESTAURADORA,
RESPONSÁVEL TÉCNICA PELA INTERVENÇÃO NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO.



MARIANA ALVES

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

MARIANA ALVES



As talhas em madeira de cedro são um registro histórico da técnica em mosteiros beneditinos

No início do processo, verificou-se que o estado geral de conservação dos elementos decorativos integrados apresentava comprometimentos significativos. Os principais fatores responsáveis por essa deterioração foram a umidade proveniente de infiltrações no telhado e os danos causados por organismos biológicos, especialmente pela ação devastadora de cupins da espécie Coptotermes cf. formosanus. Amplamente disseminada em áreas litorâneas do Brasil, essa espécie representa uma ameaça significativa ao patrimônio histórico.

A talha em madeira de cedro da igreja encontrava-se severamente deteriorada, carcomida e com lacunas em diversas áreas. Os danos comprometiam não apenas a integridade material das peças, mas também a leitura estética do conjunto, marcado originalmente pela integração entre arquitetura, pintura, policromia e douramento.

O processo de restauro começou pela desinfestação e consolidação estrutural das talhas, dos forros, das cimalhas e demais peças em madeira, seguido pelo tratamento das camadas pictóricas. O combate às colônias de cupins envolveu desinfestação, imunização das peças e limpeza das áreas mais profundamente afetadas.

Constatou-se ainda que a umidade provocara o des-

RONNY COLLORS



ALÊ TIBÚRCIO



DANI PEDROSA



Cada espaço da Basília recebeu ações específicas para ressaltar a beleza do conjunto arquitetônico

MORGANA NARJARA



“Tenho muito orgulho de ter participado dessa grande realização. Contribuir para o restauro e a valorização de um belo exemplar do barroco brasileiro nos traz a sensação de dever cumprido e a certeza de que as próximas gerações também poderão usufruir de um bem cultural de valor excepcional.”

FREDERICO ALMEIDA, DIRETOR DE OBRAS E PROJETOS ESPECIAIS DA FUNDARPE.

> “É uma felicidade ver concluído o restauro dos bens integrados do Mosteiro de São Bento de Olinda. Foi um privilégio acompanhar e colaborar com esse processo desde as primeiras etapas, ainda no PAC Cidades Históricas, com a elaboração do orçamento e a estruturação da licitação dos projetos, até o apoio à execução das obras no âmbito do Novo PAC.”

TAMARA BONILLA, ENGENHEIRA CIVIL, CONSULTORA IPHAN/NOVO PAC.

colamento e perda das camadas pictórica e dourada, favorecera o desenvolvimento de fungos e a infestação de insetos no suporte, e contribuíra também para a oxidação dos elementos metálicos responsáveis pela sustentação das peças. Além disso, os vernizes aplicados sobre as obras também haviam oxidado ao longo do tempo, alterando a estética e reduzindo sua capacidade de proteção.

Recuperação da harmonia visual

No Mosteiro de São Bento, intervenções realizadas entre o início e a metade do século XX modificaram significativamente as cores, os acabamentos e a percepção visual do conjunto arquitetônico e decorativo da igreja. Muitas dessas mudanças já eram irreparáveis, alguns elementos originais haviam se perdido e pouco podia ser recuperado das pinturas históricas. Assim, restituir parte de sua ambiência original foi um grande desafio do restauro.

O Mosteiro de São Bento preserva um vasto repertório artístico ligado à espiritualidade beneditina

FOTO: MARIANA ALVES



MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

FOTOS: MARIANA ALVES



A riqueza de detalhes é um elemento definidor e singular do Mosteiro de São Bento de Olinda







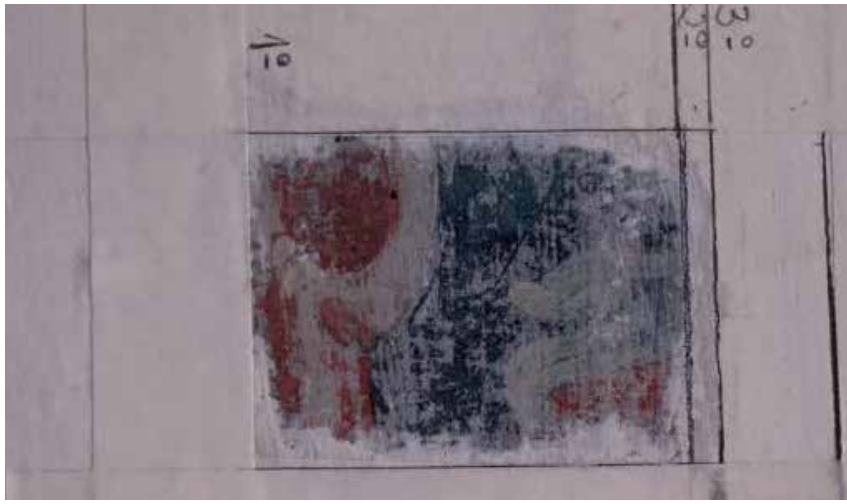
As repinturas brancas, comuns nas reformas realizadas no século XIX, seguiam o estilo neoclássico da época, que buscava suavizar os elementos mais exuberantes do barroco. Na nave da igreja, a primeira intervenção que encobriu a decoração original, correspondente à primeira camada de repintura, provavelmente data desse período. A remoção dessas camadas de tinta nos elementos integrados, como tribunas, púlpitos e o forro com cimalha do nártex, revelou pinturas coloridas até então desconhecidas.

Ao mesmo tempo, essas intervenções posteriores também se tornaram registros históricos importantes, capazes de revelar materiais, técnicas e estilos adotados em diferentes épocas. Por isso, a remoção dessas superposições exigiu estudos cuidadosos, já que cada pintura sobreposta ajuda a compreender as transformações sofridas pelo monumento ao longo dos séculos.

As camadas de repintura identificadas nos diferentes elementos foram removidas gradualmente, após testes específicos de solvência. Depois desse processo, era realizado o enxágue das superfícies tratadas para eliminar possíveis resíduos dos solventes. Em determinadas áreas do douramento, a retirada era executada mecanicamente com o auxílio de bisturi, enquanto, em situações específicas, empregou-se calor controlado por meio de sopradores térmicos.

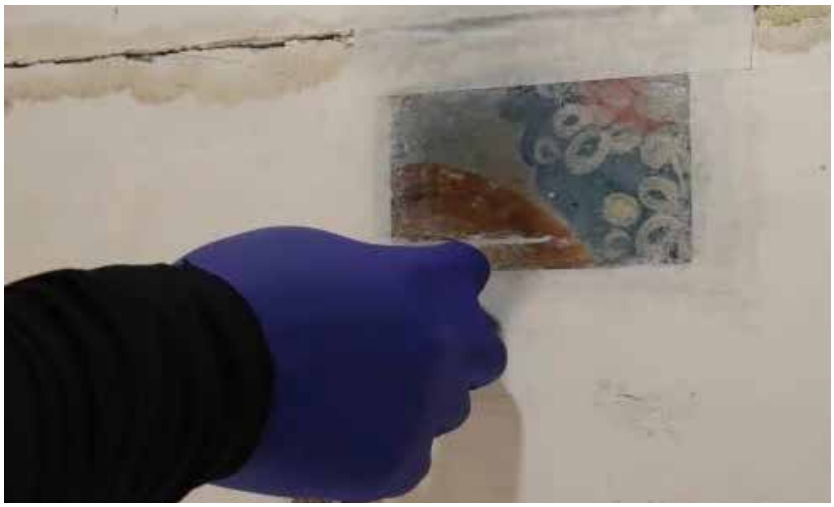






Talha dourada e policromada da nave

As seis tribunas e os dois púlpitos entalhados, dourados e policromados da nave foram submetidos a um amplo processo de restauração. As tribunas possuem







Prospecção na pintura e cimalha do forro do nártex, comprovando a existência de pintura do século XVIII sob as camadas de repintura branca

FOTOS: GRIFO, 2025.

“Restaurar a Igreja do Mosteiro de São Bento de Olinda foi mais do que revelar cores ocultas sob camadas de tinta e tempo; foi devolver à luz a memória barroca de um espaço onde arquitetura, douramento, pintura e fé voltam a dialogar em harmonia.”

SANDRA SPINELLI, SUPERINTENDENTE DE PROJETOS ESPECIAIS DA FUNDARPE, ARQUITETA E FISCAL DA OBRA DOS BENS INTEGRADOS DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO.

FOTOS: MARIANA ALVES







As sanefas apresentam ornamentações características do barroco-rococó luso-brasileiro

FOTOS: MARIANA ALVES.

autoria ainda não identificada, enquanto os púlpitos são atribuídos ao mestre entalhador Simão dos Santos Pereira, confeccionados por volta de 1770.

Antes do início do restauro, as peças foram desmontadas, limpas e higienizadas. Após a eliminação das colônias de cupins por meio de desinfestação, realizou-se a recuperação do suporte de madeira, por meio de consolidação, que consiste no fortalecimento das fibras, preenchimento de galerias de cupim com material inerte e enxertos de cedro nas partes faltantes.

Após o tratamento do suporte, foi realizada a limpeza das superfícies, o que permitiu a remoção das repinturas tanto na policromia quanto no douramento originais. Todo o trabalho foi realizado dentro da própria igreja, transformada em um grande canteiro de obras durante o período da intervenção.

Com o restauro concluído, as seis sanefas e os dois púlpitos da nave voltaram a revelar não apenas a talha dourada, mas também a pintura azul original do século XVIII. Ao longo do tempo, duas camadas de tinta branca e, a última, em tons de verde e ocre, haviam encoberto o douramento e as cores originais dessas peças.

Os elementos restaurados recuperaram o douramento e a policromia característicos do conjunto barroco da Igreja, possibilitando a integração visual entre os elementos da nave e os da capela-mor e restabelecendo a harmonia do conjunto.

Capela-mor

Após ser destruída por um incêndio provocado por neerlandeses calvinistas, em 1632, a capela-mor foi reconstruída cerca de quatro décadas depois, em 1670. Ao longo do século XVIII, o espaço passou por sucessivas ampliações e transformações até alcançar, em 1786, a configuração dos dias atuais. O conjunto integra o rococó luso-brasileiro e apresenta referências ao Mosteiro de Tibães em Portugal (Oliveira e Ribeiro, 2015).

SILLA CADENGUE



Recuperação do douramento original e douramento de lacunas nas sanefas da nave

MARIANA ALVES



MARIANA ALVES



SILLA CADENGUE



“Participar do processo de restauração foi uma grande realização profissional e pessoal. Contribuir tecnicamente para a recuperação de um patrimônio histórico tão importante para Olinda e para o Brasil representa a preservação da nossa memória cultural e arquitetônica. É motivo de orgulho fazer parte de uma obra executada com responsabilidade e respeito ao patrimônio.”

CYNTIA GOUVEIA, ENGENHEIRA CIVIL,
CONSULTORA IPHAN/NOVO PAC.

SILLA CADENGUE





O Trânsito da Alma de São Bento é a principal representação religiosa da igreja

Documentos históricos do período entre 1783-1786 registram a conclusão da pintura do teto da capela-mor e dos trabalhos de entalhe e douramento que compõem o espaço litúrgico. Em igrejas e mosteiros barrocos, arquitetura, talha dourada e pinturas formavam um conjunto integrado, pensado para provocar impacto visual, envolver os fiéis e reforçar a experiência religiosa. No Mosteiro de São Bento, essa integração entre espaço, imagens e simbolismo ajudava a construir a atmosfera sagrada característica da arte barroca.

A pintura do teto tem papel central na composição visual da capela-mor, ao dialogar diretamente com a talha dourada e com a arquitetura do espaço. Construída com efeitos de ilusionismo pepectivo, a obra amplia visualmente o ambiente e conduz o olhar para a cena principal: o episódio do Trânsito da Alma de São Bento.

Fontes históricas indicam que a pintura foi executada pelo artista Antônio Telles e por um oficial auxiliar, ambos escravizados e ligados ao Mosteiro beneditino do Rio de Janeiro (Ribeiro, 2025). A cena retrata São Bento em seus momentos finais, cercado pelo sacerdote e pela comunidade beneditina reunida em celebração eucarística. Elementos celestes, como querubins, nimbos e resplendores,



SILLA CADENGUE



MARIANA ALVES

reforçam o caráter sagrado e transcendental da composição. Do mesmo modo, o retábulo dialoga com a pintura do teto, ao compor um panorama de forte impacto visual, característico do ilusionismo setecentista.

Um levantamento estrutural que antecedeu a intervenção revelou que este rico conjunto sofria com um quadro patológico complexo. A pintura do forro apresentava descolamento e perda da camada pictórica, principalmente na área próxima ao altar-mor; sujidade; manchas de água causadas por infiltrações provenientes da coberta; oxidação dos cravos usados na sustentação das tábuas e consequente perda da pintura.

Na cimalha, os danos mais graves foram provocados pelo ataque de cupins de solo e de madeira seca, que deixaram a estrutura fragilizada e oca em diversos pontos. A equipe também identificou marcas de intervenções anteriores, que substituíram partes originais da talha e utilizaram diferentes materiais para preencher áreas deterioradas, como cera, pó de serra misturado com cola PVA e resina epóxi.

Além disso, foi encontrada uma camada de tinta ocre aplicada sobre o douramento original. Cravos e pregos oxidados também comprometeram a estrutura, corroeram a madeira e causaram o





desprendimento de partes decorativas. O douramento apresentava também sujidade, perdas, áreas em descolamento e manchas causadas pela umidade, pelo calor, pelo acúmulo de poeira e por excrementos de morcegos e insetos. Os mesmos problemas também afetavam a pintura do forro, que apresentava descolamento e perda na camada pictórica.

Após os trabalhos de desinfestação, consolidação estrutural e estabilização das áreas fragilizadas, a equipe iniciou o tratamento das camadas pictóricas e do douramento. Foram removidos os vernizes oxidados e as sujidades acumuladas ao longo do tempo, o que permitiu recuperar parte significativa das cores originais, dos efeitos de policromia e do douramento da capela-mor. A intervenção também incluiu a reintegração das lacunas e limpeza criteriosa dos elementos decorativos integrados ao conjunto.

Retábulo

O retábulo-mor foi construído em madeira de cedro, entalhada e dourada, com estrutura de sustentação em sucupira. É peça fundamental na organização dos espaços internos da igreja, pois concede destaque ao altar e, por meio de símbolos e imagens de santos, transmite valores e doutrinas católicas aos fiéis.

Com uma estrutura mais preservada por ter passado por obra de recuperação há 25 anos, o retábulo da

O restauro recuperou as cores, os douramentos e os elementos decorativos originais do templo

FOTO: MARIANA ALVES



MARIANA ALVES

PAULO ANDRÉ PEDROSA BEZERRA



O restauro do retábulo foi feito de forma minuciosa pela equipe de conservadores-restauradores

igreja está localizado ao fundo da capela-mor e ocupa o espaço do piso ao teto. O restauro foi executado em 2001 por uma equipe do Laboratório de Pesquisa, Conservação e Restauração de Documentos e Obras de Arte (Laborarte) da Fundação Joaquim Nabuco (Fundaj), sob responsabilidade técnica da conservadora-restauradora Pérside Omena Ribeiro.

Esta primeira intervenção, que devolveu integridade ao imponente altar-mor beneditino e garantiu a preservação de suas características originais, conferiu também projeção internacional ao retábulo. Logo após a intervenção, a peça permaneceu por seis meses em exposição no Museu Guggenheim, em Nova Iorque (EUA), como peça central da mostra Brasil: Corpo e Alma. Entalhado no século XVIII em madeira nobre e folheado a ouro, o altar de 13 toneladas foi desmontado, restaurado e transportado

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

MARIANA ALVES



DANI PEDROSA

Os elementos artísticos, decorativos e arquitetônicos evidenciam a sofisticação estética do conjunto beneditino

até os Estados Unidos e remontado no museu. Em um acervo que reunia cerca de 400 obras representativas de diferentes períodos da arte brasileira, o retábulo do Mosteiro de São Bento destacou-se como o principal exemplar da arte barroca-rococó.

No entanto, a peça não escapou aos danos provocados pelo tempo e pela falta de manutenção. Vinte e cinco anos depois, a presença de morcegos resultou em grande acúmulo de excrementos e manchas sobre o douramento. O retábulo apresentava descolamento e perdas da camada dourada, manchas de água decorrentes de infiltrações pela coberta e sujidade generalizada.

O restauro do conjunto entalhado teve início com o tratamento do suporte em madeira, por meio de processos de imunização e consolidação estrutural. Em seguida, foram realizados os procedimentos de limpeza, fixação e reintegração do douramento nas áreas com perdas.

Forro da nave

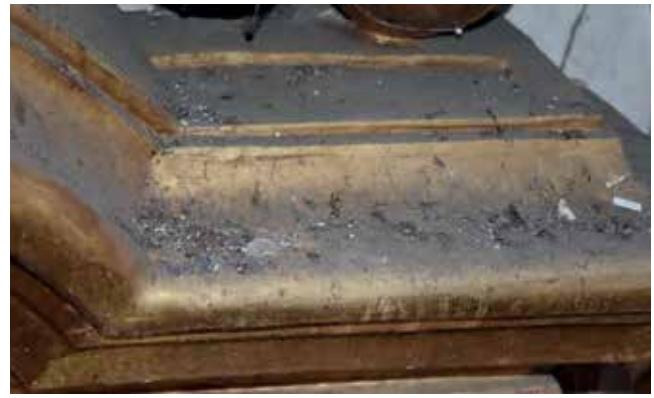
Os mesmos problemas identificados na capela-mor também comprometiam o forro da nave da Basílica, construído em tábuas de amarelo vinhático em formato de abóbada de berço. A infiltração de água pela cobertura provocou descolamentos e perdas em diversas áreas da pintura. Durante as prospecções realizadas pela equipe técnica, foi identificado que

“Como fiscal do Iphan no restauro do Mosteiro de São Bento de Olinda, vivenciei diariamente a riqueza e a complexidade da arte do restauro. Cada detalhe revelava camadas de história, técnica e sensibilidade, despertando em mim profunda admiração pelos profissionais que transformam conhecimento e precisão em preservação da memória.”

AMARILES ARAÚJO, ARQUITETA E URBANISTA, TÉCNICA EM EDIFICAÇÕES E AUXILIAR INSTITUCIONAL DO IPHAN.

PAULO ANDRÉ PEDROSA BEZERRA







O conjunto artístico apresentava intenso acúmulo de sujeira, poeira, resíduos orgânicos e marcas deixadas pelo tempo. As imagens registram o trabalho minucioso de limpeza realizado por restauradores













O trabalho técnico revelou áreas fragilizadas sob camadas de pintura e ornamentos, exigindo intervenções precisas para conter o avanço dos cupins e garantir a estabilidade do conjunto artístico

FOTOS: GRIFO, 2026.



toda a pintura original do século XVIII havia sido recoberta por repinturas posteriores.

A pintura atualmente visível no forro corresponde a uma intervenção de caráter popular, provavelmente datada de 1949-1951, que manteve a composição da pintura original do século XVIII. A cena é estruturada por um guarda-corpo em balaustradas, com jarrões e guirlandas de flores nas extremidades, o que cria a sensação de abertura para o céu. No centro da composição está o Brasão da Ordem Beneditina. Contudo, da pintura original restaram apenas fragmentos.

Diante disso, a equipe optou por preservar essa pintura posterior, entendida também como um testemunho significativo da história do conjunto. A repintura branca aplicada sobre o fundo da cena foi removida para recuperar a leitura iconográfica da composição original.

A estrutura do forro é sustentada por cambotas (armações arqueadas de suporte) e tesouras de maçaranduba, madeira nobre e resistente a pragas. Em intervenções anteriores, a maçaranduba havia substituído a sucupira-do-carrasco, espécie rara devido ao intenso extrativismo. Duas tesouras originais em sucupira-do-carrasco foram preservadas no forro, mesmo sem função estrutural, como registro histórico das técnicas construtivas utilizadas na época.

A pintura do forro da nave apresenta ao centro o Brasão da ordem Beneditina

FOTO: DANI PEDROSA

A grande surpresa

Um dos principais achados do restauro do Mosteiro de São Bento foi a descoberta de pinturas no forro do nártex, escondidas sob três camadas de tinta branca industrializada.

O nártex é o espaço localizado antes da nave principal, abaixo do coro, funcionando como uma área de transição entre o exterior e o interior da igreja. Foi justamente ali que a equipe encontrou a pintura original do século XVIII, em bom estado de conservação. Ela estava encoberta por sucessivas camadas de repintura, sendo a primeira delas datada provavelmente do final do século XIX..

Antes da remoção das repinturas, foram realizados estudos históricos, prospecções estratigráficas e testes de solvência para identificar as diferentes camadas de tinta acumuladas ao longo do tempo e definir critérios seguros de intervenção. Com técnica e precisão, as repinturas foram retiradas gradualmente com o uso de solventes previamente testados.

O suporte em madeira do forro também passou por tratamento. Apesar de apresentar estado geral regular, a estrutura apresentava danos provocados principalmente pela umidade e pelo ataque de cupins. Após a remoção dos estratos de tinta, foi revelada uma composição característica da pintura barroca setecentista, com balaustradas, jarrões e guirlandas de flores, elementos que ampliavam visualmente o espaço e integravam a experiência simbólica do ambiente religioso.

Na cimalha (elemento que emoldura o forro do nártex), foi descoberta uma pintura primitiva com decoração em jaspeado em tons de azul e frisos dourados, igualmente recoberta por camadas de repin-

FOTOS: MARIANA ALVES



tura branca. A peça apresentava estado precário de conservação, com lacunas provocadas pela ação de cupins e pela umidade.

Assim como ocorreu no forro, a cimalha passou por desinfestação, imunização e consolidação da madeira antes do restauro da pintura. Após testes de solvência, a camada original do século XVIII foi gradualmente revelada. As áreas com perdas pictóricas passaram por reintegração estética, técnica que recompõe visualmente as lacunas sem apagar a distinção entre partes originais e restauradas.

Em complemento à ambiência do nártex, duas colunas em pedra policromada, com acabamento jaspeado em tons de vermelho e azul e frisos dourados também tiveram suas cores originais recuperadas. As colunas sustentam a madre, viga de madeira responsável pelo suporte do coro da igreja. A recuperação dessas pinturas e elementos decorativos devolveu ao nártex parte importante de sua ambiência barroca original e permitiu compreender novamente o espaço como uma experiência visual, artística e simbólica integrada.

Ao retirar camadas de tinta, vernizes escurecidos e marcas acumuladas ao longo dos séculos, o restauro realizado nos bens integrados da Basílica revelou novamente a potência artística e simbólica do Mosteiro de São Bento de Olinda. A recuperação de sua ambiência barroca devolve à cidade e ao Brasil um monumento restaurado e a possibilidade de reencontro com uma parte fundamental da nossa própria história.



Pintura artística e talha dourada integradas apresentam estética harmoniosa

PAULO ANDRÉ PEDROSA BEZERRA



No interior do Mosteiro, equipe da Grifo Diagnóstico e Preservação de Bens Culturais, responsável pela execução minuciosa e precisa das obras de conservação e restauro

EDUARDO CUNHA/SECULT-PE/FUNDARPE



Da esquerda para direita: Renata Borba, presidente da Fundarpe; Raquel Lyra, governadora de Pernambuco; Pérside Omena Ribeiro, conservadora-restauradora; e Priscila Krause, vice-governadora, durante visita técnica às obras do Mosteiro



O Mosteiro de São Bento ultrapassa a dimensão monumental de sua arquitetura: é também espaço de trabalho, circulação, memória e vida cotidiana

FOTOS: MARIANA ALVES









REFERÊNCIAS

Oliveira, M.A.R. de & Ribeiro, E.S. (2015) *Barroco e Rococó nas Igrejas de Recife e Olinda*. Brasília: IPHAN.

Ribeiro, P.O. (2024) *De volta à luz: a recuperação das cores originais do interior da Igreja Barroca de Nossa Senhora da Conceição dos Militares do Recife – Pernambuco, Brasil*. Tese de Doutoramento. Universidade de Lisboa, Portugal.

Ribeiro, P.O. (2024-2026). *Conservação e restauração dos bens integrados do Mosteiro de São Bento de Olinda*. Fundarpe. Primeiro ao décimo oitavo relatório. Grifo Diagnóstico e Preservação de Bens Culturais, Recife.

Ribeiro, P.O. (2025) *Trânsito da Alma de São Bento: caracterização e classificação cromática na intervenção de restauro da pintura do teto da capela-mor do Mosteiro de São Bento de Olinda*. No prelo.

Smith, R. (1950) *Arquitetura colonial no Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.

ARTIGO

A PRESERVAÇÃO SE CONSTRÓI EM CONJUNTO

Por Renata Borba, Presidente da Fundarpe

A preservação do patrimônio cultural representa o compromisso de um povo com sua própria história. Em um mundo marcado pela efemeridade, as permanências — materiais e imateriais — tornam-se instrumentos preciosos de conexão entre passado, presente e futuro. Nesse contexto, Pernambuco destaca-se no cenário nacional pela riqueza e diversidade de sua cultura. Atenta a essa responsabilidade, a governadora Raquel Lyra fortaleceu a Fundarpe como órgão de preservação, ampliando sua capacidade de atuação e consolidando ações consistentes de salvaguarda do patrimônio do estado.

A reestruturação do órgão estadual de preservação possibilitou ainda o estreitamento da parceria com o Iphan, que vem se afirmando como referência na realização de importantes obras de restauração de monumentos históricos. Essa atuação conjunta impulsiona não apenas a política estadual para o setor, mas também o Sistema Nacional de Patrimônio Cultural.

Como resultado dessa cooperação, Pernambuco passou a vivenciar um momento histórico sem precedentes, consolidando-se como um dos maiores canteiros de restauração do país, com inter-

venções simultâneas em bens de enorme relevância arquitetônica, artística e simbólica.

Essa missão compartilhada alcança edificações emblemáticas da memória pernambucana: em Olinda, o Mosteiro de São Bento, a Igreja de São Pedro Mártir de Verona e a Igreja de Nossa Senhora do Monte; e, no Recife, a Igreja Matriz do Santíssimo Sacramento de Santo Antônio — edifícios que atravessam séculos como testemunhos vivos da formação cultural brasileira.

A atuação conjunta também abrange o patrimônio fortificado de Fernando de Noronha, com obras no Forte de Santo Antônio e no Forte de São Pedro do Boldró, além dos projetos de restauro dos Chalés do Carmo de Olinda e do Terreiro de Pai Adão, no Recife. Ao reunir ações voltadas ao patrimônio religioso, militar e afro-brasileiro, reafirma-se uma visão democrática e inclusiva da preservação cultural.

Os frutos dessa cooperação, entretanto, ultrapassam a recuperação física dos monumentos e estendem-se às ações de educação patrimonial e de salvaguarda de bens imateriais, que devolvem à população referências de pertencimento, fortalecem vínculos comunitários, impulsionam o turismo cultural e destacam o patrimônio como instrumento de desenvolvimento, educação e cidadania.

Assim como nas igrejas barrocas brasileiras, em que arquitetura e bens integrados formam um conjunto indivisível, a parceria entre Fundarpe e Iphan demonstra que diferentes competências, quando articuladas em torno de um propósito comum, podem construir um legado duradouro para a preservação da memória e da identidade cultural pernambucana.

ORA ET LABORA*

Os 434 anos de história do Mosteiro de São Bento

* Lema da ordem dos beneditinos, "ora e trabalha" em Latim, estabelecidos no século V conforme os preceitos de seu fundador, São Bento de Núrsia. É o lema da basílica e mosteiro presentes na cidade de Olinda.

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL

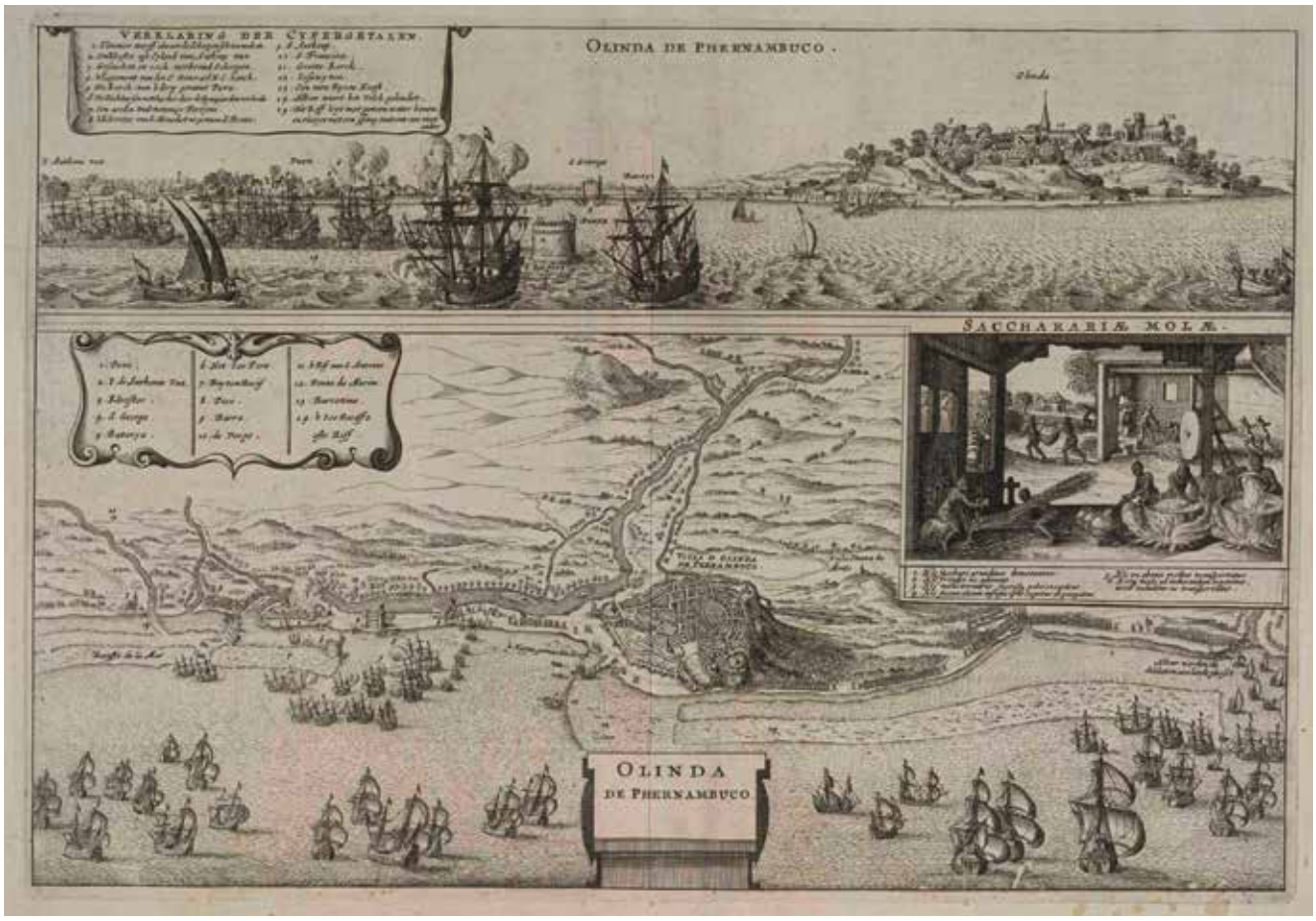


Vista de Olinda
representada pelo pintor
holandês Frans Post, 1647

Há mais de quatro séculos anos, o Mosteiro de São Bento de Olinda é um templo de espiritualidade e cultura no Nordeste, um testemunho da colonização, da ocupação holandesa e do nascimento do Brasil. Fruto de um ideal monástico que remonta aos últimos séculos do Império Romano, sua presença em solo pernambucano é uma história de resistência e renovação contínua. Das cinzas do incêndio provocado pelos neerlandeses no século XVII às opulentas reformas barrocas do século XVIII, cada pedra, cada pintura e cada douramento contam uma saga de superação. Este capítulo convida a uma viagem por essa trajetória fascinante, onde a preservação do patrimônio é a chave para redescobrir a nossa própria identidade.

Essa saga fascinante de superação mergulha suas raízes mais profundas na tradição milenar que fundamenta a própria essência do ideal monástico. A cultura dos frades e dos mosteiros constitui uma tradição muito antiga da teologia cristã, surgida ainda nos últimos séculos do Império Romano. Entre os sé-

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL



Gravura atribuída a Wenceslaus Hollar representando Olinda e a região portuária de Pernambuco no século XVII. A composição reúne vistas da ocupação urbana, da movimentação naval e da produção açucareira

culos VIII e XV, difundiu-se amplamente pela Europa o ideal de comunidades de irmãos em fraternidade que se afastavam do mundo (*fuga mundi)* em busca de uma vida de ascese, devoção religiosa e caridade. Integrados às comunidades cristãs e ao tecido social, econômico e político de seu tempo, esses grupos tornaram-se agentes e testemunhas da expansão do catolicismo nas Américas durante o período colonial.

O Mosteiro de São Bento de Olinda, da ordem beneditina, não foge a esta regra. A maior parte dos conventos beneditinos brasileiros foi erguida ao longo do século XVII e estilos arquitetônicos específicos podem ser encontrados em suas fachadas. A construção

em território pernambucano, localizada em uma área elevada do sítio histórico de Olinda, acompanha a própria topografia da cidade marcada por colinas e ladeiras, e que lhe concedia uma posição de destaque. Tem uma vista privilegiada para o mar e para a paisagem natural da vila.

Possuidor de uma fachada imponente e uma torre de sino lateral, o mosteiro está localizado na Rua São Bento, tal qual a ordem monacal. A obra do conjunto foi iniciada pelos monges beneditinos em 1597, após terem adquirido terrenos nas proximidades do Varadouro da Galeota. Cinco anos antes, Jorge Albuquerque Coelho, o terceiro donatário da capitania de Pernambuco, havia solicitado à Ordem de São Bento o envio de alguns religiosos ao território sob a sua administração em Olinda. Oferecia em troca algumas benesses, como posse de terras, regalias e vantagens financeiras.

Em um primeiro momento, os beneditinos alojaram-se na Igreja de São João e posteriormente ocuparam a Capela de Nossa Senhora do Monte. Com o encerramento da construção do mosteiro, em 1599, os monges passam a habitar o espaço. Porém, a história da presença e atuação dos frades foi interrompida no século XVII com a chegada dos holandeses à capitania de Pernambuco. O primeiro templo conhecido como Mosteiro do Patriarca São Bento da Vila de Olinda perdeu-se em chamas no ano de 1631. O incêndio foi provocado por neerlandeses calvinistas que ocuparam o Nordeste brasileiro entre 1630 e 1654. As tropas holandesas incendiaram grande parte de Olinda, tais como igrejas, conventos e edifícios civis.

A construção em território pernambucano, localizada em uma área elevada do sítio histórico de Olinda, acompanha a própria topografia da cidade marcada por colinas e ladeiras, e que lhe concedia uma posição de destaque. Tem uma vista privilegiada para o mar e para a paisagem natural da vila.



MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

Igreja e Mosteiro de São Bento, em Olinda (PE), no século XX

ACERVO DOS MUNICÍPIOS BRASILEIROS. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA

MARIANA ALVES



Detalhe do frontispício da Igreja e Mosteiro de São Bento, em Olinda, destacando o brasão heráldico beneditino inserido na composição barroca da fachada

Foi somente treze anos depois, com a retirada dos flamengos da capitania de Pernambuco, que os religiosos puderam voltar a atuar no local de culto e retomar gradualmente as atividades monásticas. A destruição provocada pelos incêndios e pelos conflitos da ocupação holandesa alterou profundamente a estrutura original do edifício, o que exigiu sucessivas reconstruções e adaptações ao longo do período colonial. O que hoje é reconhecido como Patrimônio Histórico tombado constitui, portanto, o resultado de diferentes processos de transformação arquitetônica

MARIANA ALVES

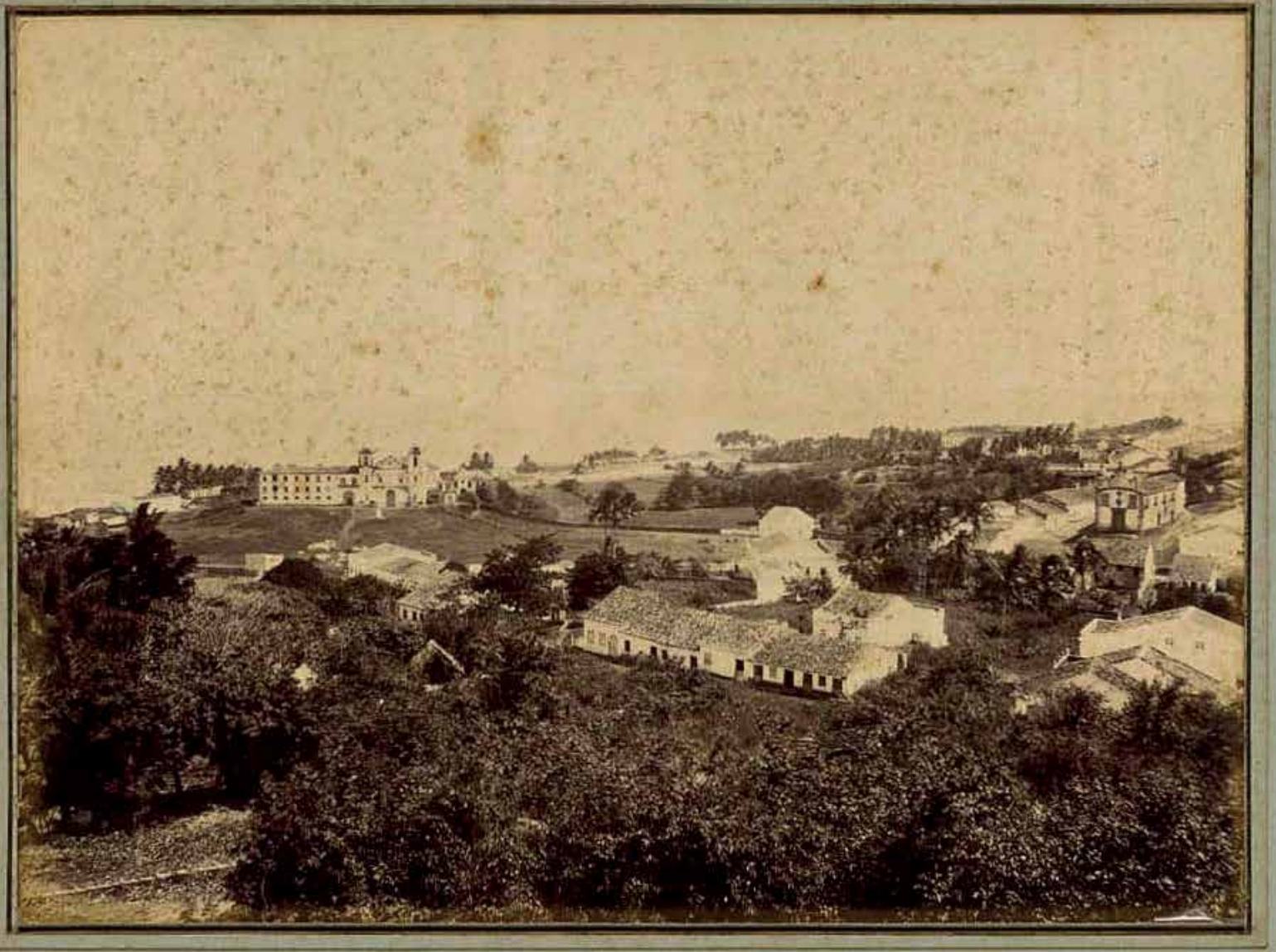


No interior da Basília, obras narram a história da vida de São Bento, como Trânsito da Alma de São Bento

que marcaram sua história ao longo dos séculos.

Foi na segunda metade do século XVII que os beneditinos adaptaram o espaço remanescente para a construção de um novo mosteiro. E cem anos depois, em 1750, o edifício passou por uma intensa reforma que incluiu a ampliação da igreja e da capela-mor, a edificação da torre, a construção da sacristia, além de intervenções nas tribunas da nave e no claustro. Os monges construíram uma nova estrutura que permanece até hoje.

Nas paredes da igreja, é possível encontrar pinturas que narram a história da vida de São Bento, uma esplendorosa sacristia, colunas de arenito e várias imagens esculpidas em cedro e outras



Arrebaldes de Pernambuco.

madeiras nobres. Estas estruturas são um reflexo da riqueza gerada no período colonial português no Brasil e expressam, por meio da arquitetura e da ornamentação, o poder econômico e religioso que marcou a presença beneditina na América portuguesa. O piso é todo feito em ladrilho hidráulico, o arco principal da capela-mor é em pedra e possui área reservada para o coral dos monges durante as missas e celebrações.

A sacristia do Mosteiro de São Bento possui mobiliário em jacarandá, lavabo em mármore policromado português confeccionado em Estremoz e importantes obras de arte sacra e pinturas dedicadas à Nossa Senhora do Pilar, Santa Germana, São Caetano, São Gregório Magno, São Sebastião, Santa Escolástica, entre outros. O forro da capela-mor possui uma grande riqueza de detalhes, com tribunas e lampadários em prata. O conjunto conventual ainda abriga claustro em arcos plenos, antigas celas monásticas, biblioteca, refeitório e dependências internas ligadas à vida religiosa beneditina, tais como enfermaria e sala capitular. Há também um túnel subterrâneo com acervo arqueológico.

A Ordem de São Bento atravessou um período de profundo declínio no Brasil, quase se aproximou da extinção ao longo do século XIX, e foi restabelecida apenas no final do mesmo século por religiosos belgas enviados ao país pelo Papa Leão XIII. Tais religiosos se destacam entre as ordens estabelecidas no Brasil pelo seu expressivo número de monges e pela valorização do conhecimento técnico e artístico. Durante muitos anos, coube aos monges a realização de obras de conservação e restauro no templo, o que ajudou a preservar o valioso patrimônio histórico e artístico.

A Ordem de São Bento atravessou um período de profundo declínio no Brasil, quase se aproximou da extinção ao longo do século XIX, e foi restabelecida apenas no final do mesmo século por religiosos belgas enviados ao país pelo Papa Leão XIII.

Os arrabaldes de Olinda no século XIX. Moritz Lamberg, 1880 - 1885 (página anterior)

ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL.

As ordens religiosas atuaram diretamente no desenvolvimento urbano de Olinda por meio de suas construções e imóveis anexos. Tratava-se de espaços onde diversos serviços eram ofertados, como saúde e educação, e igualmente funcionavam como locais de encontro e sociabilidade para os indivíduos que habitavam suas cercanias.

A Igreja e o Mosteiro de São Bento constituem um dos mais relevantes conjuntos arquitetônicos barrocos de Olinda, reconhecidos como patrimônio nacional tombado e integrados ao perímetro de preservação do Sítio Histórico da cidade. O tombamento do conjunto desempenhou papel fundamental na valorização da identidade histórica e cultural olindense. Instituições de caridade e fé cristã, tais como mosteiros, confrarias e irmandades, eram, durante o período colonial, ferramentas de convívio das comunidades nas quais eram passados valores como unidade, hierarquia, devoção, solidariedade e justiça.

As ordens religiosas atuaram diretamente no desenvolvimento urbano de Olinda por meio de suas construções e imóveis anexos. Tratava-se de espaços onde diversos serviços eram ofertados, como saúde e educação, e igualmente funcionavam como locais de encontro e sociabilidade para os indivíduos que habitavam suas cercanias. As dependências do Mosteiro de São Bento acolheram, a partir de 1828, a Faculdade de Direito de Olinda. Criada pela Lei de 11 de agosto de 1827 durante o período imperial, foi posteriormente transferida para Recife, o que originou a atual Faculdade de Direito do Recife.

Já no século XX, o mosteiro também sediou os cursos de Agricultura e Medicina Veterinária, criados em 1912, que mais tarde contribuíram para a formação da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). A presença dessas atividades reforça o compromisso da instituição religiosa com os saberes e com a formação intelectual e profissional da sociedade pernambucana. Paralelamente, o mosteiro continuava exercendo sua função religiosa e educativa

Detalhe da fachada do Mosteiro de São Bento de Olinda na época do tombamento (página ao lado)

FOTO: BENÍCIO WHATLEY DIAS, 1938. ACERVO FUNDAÇÃO JOAQUIM NABUCO.

MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

junto à população local, por meio da catequese e da instrução nos ritos da tradição católica.

A beleza do mosteiro foi alvo de relatos de pensadores brasileiros. Gilberto Freyre, renomado sociólogo pernambucano, escreveu, em 1968, que o Mosteiro de São Bento de Olinda é um espaço "para ser visitado com vagar", tamanha a riqueza artística, arquitetônica e simbólica que abriga. Entre douramentos, talhas e ornamentos, o autor destacou a imponência da capela-mor e a opulência da sacristia, marcada pelas obras em jacarandá e pelo lavatório de pedra, elementos que ainda hoje evocam a monumentalidade e o refinamento estético do conjunto beneditino (FREYRE, 1968, p. 81).

Sua relevância ultrapassou o cenário nacional quando o altar-mor em madeira de cedro folheada a ouro, atribuído ao monge beneditino português frei José de Santo Antônio Vilaça e construído entre 1783 e 1786, foi integralmente desmontado e restaurado pela equipe técnica da Fundação Joaquim Nabuco em 2001. No ano seguinte, a obra com 13,8 metros de altura por 7,8 metros de largura foi enviada para a exposição *Brasil: Corpo e Alma*, realizada no Museu Guggenheim de Nova Iorque, nos Estados Unidos. Foi reconhecido como uma das principais atrações do evento e evidenciou internacionalmente a riqueza

ELLEN LABENSKI



Altar-mor folheado a ouro da Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento ocupou lugar de destaque na exposição do Museu Guggenheim de Nova York entre outubro de 2001 e maio de 2002



MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA

FERDINAND DENIS, PARIS, 1846. ACERVO BIBLIOTECA NACIONAL.



Desenho em preto e branco representando a paisagem litorânea de Olinda vista a partir do mar, com destaque para as embarcações e para o perfil urbano da cidade no século XIX

artística e patrimonial do Mosteiro de São Bento de Olinda. Foi reenviado posteriormente ao seu local de origem, pois é um dos mais importantes exemplares da talha barroca brasileira, com elementos do barroco tardio, do rococó e do neoclassicismo.

A proteção oficial do mosteiro ocorreu com a atuação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Sphan), criado em 1937 durante o governo de Getúlio Vargas, que reconheceu formalmente a relevância histórica e artística do monumento por meio do processo 50-T-1938. Desde então, o conjunto encontra-se inscrito no Livro do Tombo das Belas Artes, sob o nº 179, e no Livro do Tombo Histórico, sob o nº 86. Três décadas mais tarde, o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) ampliou essa política de preservação ao classificar o Sítio Histórico de Olinda como conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico.

Do mesmo modo, o mosteiro também faz parte da área da cidade reconhecida como Patrimônino Mundial. Tal título foi concedido a Olinda pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em 14 de dezembro de 1982, com uma área que compreende 190,9 hectares. A cidade foi escolhida por constituir um exemplo singular da arquitetura colonial e religiosa dos séculos XVI e XVII, ao preservar, ainda hoje, grande parte de seu traçado urbano original.

O Mosteiro de São Bento de Olinda foi contemplado pelo Iphan, por meio do Novo PAC, com investimentos de R$ 16,4 milhões, numa parceria com governo de Pernambuco. Os recursos tiveram como objetivo restaurar os bens artísticos e integrados da igreja do mosteiro, além de promover a consolidação e a estabilização de suas fundações. As obras foram executadas pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e a equipe de especialistas técnicos do Iphan em Olinda ficou res-

ponsável pelo acompanhamento das intervenções. A iniciativa integra um conjunto mais amplo de aportes, que somam cerca de R$ 92 milhões, destinados à preservação do patrimônio cultural pernambucano.

Atualmente, 21 monges beneditinos vivem no mosteiro. A área conventual permace com acesso restrito, por abrigar a residência da comunidade monástica. Já a igreja volta a receber atividades religiosas após o restauro, devolvendo ao espaço não apenas sua função litúrgica, mas também sua presença viva no cotidiano de Olinda. Há séculos integrada à paisagem histórica e cultural da cidade, a Igreja

Representantes do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e do Mosteiro de São Bento diante do altar-mor barroco

MARIANA ALVES



Abacial reafirma, com a retomada das celebrações, seu papel como espaço de memória, espiritualidade e convivência coletiva.

O restauro do Mosteiro de São Bento de Olinda, uma das primeiras edificações beneditinas no país, foi aguardado durante anos pela população pernambucana. A recuperação do monumento permitiu reinserir esse patrimônio na vivência cotidiana da cidade, devolvendo à comunidade um espaço profundamente ligado à memória e à identidade cultural de Olinda. A intervenção também representa um importante exemplo de salvaguarda da memória coletiva, ao reafirmar o patrimônio cultural como elo para o fortalecimento do sentimento de pertencimento da população ao longo dos séculos.

MORGANA NARJARA



REFERÊNCIAS

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Mosteiro de São Bento: Olinda*. Recife: *IPHAN*/Programa Monumenta-BID, s.d. (Coleção Rotas do Patrimônio: uma viagem através da história).

MARIANO, Samara de Rezende; PACHECO, Ricardo de Aguiar. Patrimônio cultural urbano: o tombamento do Mosteiro de São Bento de Olinda. *Revista Rural & Urbano,* Recife, v. 2, n. 2, p. 120-131, 2017.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). *Mosteiro de São Bento, em Olinda (PE), receberá R$ 15,3 mi do Novo PAC*. Brasília, 23 out. 2024. Disponível em: IPHAN – Mosteiro de São Bento receberá R$ 15,3 mi do Novo PAC. Acesso em: 8 maio 2026.



O Mosteiro de São Bento restaurado volta a ocupar o seu protagonismo na paisagem de Olinda

ARTIGO

A IMPORTÂNCIA DO PATRIMÔNIO MATERIAL

Por Fred Brennand, Superintendente do Iphan/PE

Pernambuco possui uma das histórias mais ricas e importantes do Brasil e do mundo. Nosso estado carrega marcas profundas da formação cultural, econômica, religiosa e arquitetônica do país. Aqui aconteceram movimentos históricos decisivos, nasceram manifestações culturais reconhecidas internacionalmente e foram construídos monumentos que atravessaram séculos preservando a memória do nosso povo. Cada igreja, mercado, forte, casarão ou sítio histórico guarda parte dessa trajetória e reafirma a importância de Pernambuco no cenário nacional e mundial.

Como engenheiro de formação, sempre enxerguei o patrimônio material não apenas como estruturas físicas, mas como parte viva da nossa história, identidade e memória coletiva. Preservar um bem tombado é compreender que existe um legado sendo deixado para as presentes e futuras gerações. É assumir a responsabilidade de cuidar daquilo que atravessou décadas — muitas vezes séculos — e continua contando histórias.

Cada obra de restauro me faz perceber que estamos lidando com verdadeiras obras de arte. Na maioria das vezes, a riqueza está justamente nos detalhes: uma esquadria, um piso antigo, uma pintura.

E com isso vem a responsabilidade com o planejamento, o custo final e a execução correta, porque não se trata de uma obra comum ou de uma simples reforma.

Um exemplo disso é o restauro e a conservação do Mosteiro de São Bento, um dos monumentos mais importantes de Olinda e símbolo da nossa história, fé e identidade cultural. A recuperação desse patrimônio representa não apenas a preservação de um monumento secular, mas também a valorização da própria cidade de Olinda, reconhecida mundialmente por sua riqueza histórica e cultural. É devolver dignidade ao patrimônio, fortalecer o turismo religioso e cultural, movimentar a economia local e fazer com que moradores e visitantes possam voltar a enxergar a grandiosidade desse patrimônio da humanidade.

Preservar também significa transformar a rotina de uma comunidade, fortalecer o sentimento de pertencimento e fazer com que as pessoas voltem a enxergar valor na própria história. Quando um patrimônio é recuperado, todo o entorno ganha vida: o comércio cresce, o turismo cultural se fortalece e novas oportunidades surgem para a população, gerando emprego e renda de forma direta e indireta.

Como Superintendente do Iphan, enxergo de forma ainda mais clara o importante papel da preservação da história e da cultura de quem passou antes de nós.

Tenho muito orgulho de fazer parte desse processo no Iphan-PE, construindo pontes e conexões junto ao Governo Federal, Governo do Estado e municípios. Hoje, Pernambuco conta com quase R$ 100 milhões em investimentos através do Novo PAC, contemplando mercados públicos, igrejas, fortes e importantes monumentos históricos. São ações que vão além da preservação física: representam investimentos na memória, na cultura, no turismo e no futuro do nosso povo.

LINHA DO TEMPO

Mosteiro de São Bento de Olinda

1592

MONGES BENEDITINOS, VINDOS DE PORTUGAL, CHEGAM À VILA DE OLINDA PARA FUNDAR O MOSTEIRO DE SÃO BENTO E SE INSTALAM NA CAPELA DE SÃO JOÃO.

1587-1599

CONSTRUÇÃO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO EM UM TERRENO ADQUIRIDO NO BAIRRO DO VARADOURO EM OLINDA.



REPRODUÇÕES DE ARQUIVO

1

1595

OS MONGES DEIXAM A CAPELA DE SÃO JOÃO E OCUPAM A CAPELA DE NOSSA SENHORA DO MONTE.

1631



2

O MOSTEIRO DE SÃO BENTO É INCENDIADO POR NEERLANDESES CALVINISTAS QUE INVADIRAM E OCUPARAM O NORDESTE BRASILEIRO DE 1630 A 1654.

A RECONSTRUÇÃO DO MONASTÉRIO OCORREU NA **SEGUNDA METADE DO SÉCULO** XVII APÓS A EXPULSÃO DOS NEERLANDESES.

1770

AMPLIAÇÃO DA CAPELA-MOR, MEDIANTE DEMOLIÇÃO DA ANTIGA SACRISTIA.

ENTRE 1778 E 1780 - DURANTE O SEGUNDO ABACIADO DE FREI MIGUEL ARCANJO DA ANUNCIAÇÃO, CONSTRUÇÃO DE UMA NOVA CAPELA-MOR E UMA NOVA SACRISTIA, CUJA FACHADA LATERAL REGISTRA A INSCRIÇÃO "ANNO DOMINI 1783".



3

1786

FINALIZAÇÃO DO CONJUNTO, COM A DECORAÇÃO SETECENTISTA PRESENTE ATÉ OS DIAS DE HOJE.



1827



4

CRIAÇÃO DA FACULDADE DE DIREITO DE OLINDA, SEDIADA NO MOSTEIRO. É A PRIMEIRA DO PAÍS, AO LADO DA FACULDADE DE DIREITO DO LARGO DE SÃO FRANCISCO EM SÃO PAULO.

1860

FREI FILIPPE DE SÃO LUÍS PAIM, ABADE DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO, PROMOVE UMA GRANDE INTERVENÇÃO NO PRÉDIO, COM ACRÉSCIMOS E MODIFICAÇÕES.

1895



5

NOVO GRUPO DE BENEDITINOS BELGAS CHEGAM AO BRASIL PARA REPOVOAR O MOSTEIRO, ESVAZIADO NO FIM DO SÉCULO XIX.

1912

FUNDAÇÃO DAS ESCOLAS SUPERIORES DE AGRICULTURA E MEDICINA VETERINÁRIA, COM A INSTALAÇÃO DAS ATIVIDADES VOLTADAS À ÁREA DO CAMPO NAS DEPENDÊNCIAS DO MOSTEIRO.

ILUSTRAÇÕES

1. Mapa da Vila de Olinda colonial e do porto do Recife. Luís Teixeira (c. 1582-1585). Acervo Biblioteca da Ajuda, Lisboa, Portuga.
2. Vista do cerco holandês a Olinda e ao Recife no século XVII. Gravura publicada em America: Being the Latest, and Most Accurate Description of the New World. Londres, 1671, John Ogilby. Domínio Público.
3. Frans Post, vista de Olinda, século XVII. Acervo Museu Nacional de Belas Artes.
4. Diploma de Bacharel em Ciências Sociais e Jurídicas emitido pela "Academia de Sciencias Sociaes e Juridicas de Olinda" em 14 de outubro de 1844 pelo Bispo Dom Thomaz de Noronha. Acervo Arquivo Nacional.
5. Detalhe de retrato de religioso beneditino, em óleo sobre tela no interior do Mosteiro de São Bento de Olinda.

LINHA DO TEMPO

Mosteiro de São Bento de Olinda

1938

ARQUIVO



O MOSTEIRO DE SÃO BENTO É TOMBADO COMO MONUMENTO NACIONAL E INSCRITO NOS LIVROS DE BELAS ARTES E DO TOMBO HISTÓRICO DO SPHAN, ATUAL IPHAN.

1949

ARQUIVO



INTERVENÇÃO EFETUADA PELO SPHAN, ATUAL IPHAN. FORAM RESTAURADOS OS BENS INTEGRADOS E FEITA A REPINTURA DO FORRO DA NAVE. FOI ENCONTRADA PRÓTESE COM ENTALHE DOS NOMES DOS ARTÍFICES QUE TRABALHARAM NO RESTAURO DAS TALHAS.

1968

O CENTRO HISTÓRICO DE OLINDA É TOMBADO PELO IPHAN.

FOTOS: MARIANA ALVES

1982



A UNESCO DECLARA OLINDA COMO PATRIMÔNIO MUNDIAL POR SEU CONJUNTO ARQUITETÔNICO, PAISAGÍSTICO E URBANO.

2001

O ALTAR-MOR DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO É LEVADO AO MUSEU GUGGENHEIM, DE NOVA IORQUE (EUA), PARA REPRESENTAR A ARTE BARROCA-ROCOCÓ BRASILEIRA NA EXPOSIÇÃO BRASIL: CORPO E ALMA. É A PEÇA CENTRAL DA MOSTRA.

2015

IPHAN CONTRATA A ELABORAÇÃO DE PROJETOS DE RESTAURO E CONSERVAÇÃO PARA O MOSTEIRO DE SÃO BENTO COM RECURSOS DO PAC CIDADES HISTÓRICAS.

2024



EXECUTADA PELO GOVERNO DE PERNAMBUCO, POR MEIO DA FUNDARPE, TEM INÍCIO A OBRA DE CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO, NO MÊS DE NOVEMBRO, COM RECURSOS DO IPHAN POR MEIO DO NOVO PAC.

2026



OBRA DE RESTAURO DOS BENS INTEGRADOS É FINALIZADA. REABERTURA DA NAVE CENTRAL E DA CAPELA-MOR DO MOSTEIRO.

ARTIGO

O SISTEMA NACIONAL DO PATRIMÔNIO CULTURAL NA PRÁTICA: O CASO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO NO NOVO PAC

Por Daniel Sombra, Diretor do Departamento de Ações Estratégicas e Intersetoriais (DAEI) do Iphan

O ano era 2023. Eu havia acabado de ser convidado pelo então presidente do Iphan Leandro Grass para assumir a Diretoria de Projetos e Obras - atual Departamento de Ações Estratégicas e Intersetoriais (DAEI) -, que herdou o extinto PAC Cidades Históricas (PAC CH).

Ainda me situando na nova função, buscava reunir as informações que alguns poucos servidores haviam conseguido manter ativas durante um longo período sem recursos para o programa.

Foi nesse contexto que recebi uma ligação de Frederico Almeida, então diretor da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe). Ele procurava saber se seria possível disponibilizar os projetos que o PAC Cidades Históricas havia elaborado para Pernambuco, pois o Governo do estado começava a estruturar um novo portfólio para retomada das ações de patrimônio cultural.

Fred, assim como eu, havia acabado de assumir um novo desafio institucional. Ao lado da então presidente da Fundarpe, Renata Borba, ambos traziam uma trajetória de intenso trabalho no Iphan. Tinham sido superintendentes do Instituto e acompanharam de perto os desafios da implementação do PAC CH.

Um desses projetos era o do restauro do Mosteiro de São Bento de Olinda. Ele fazia parte de um conjunto de mais de 140 projetos desenvolvidos pelo PAC CH que, apesar de concluídos tecnicamente, nunca haviam avançado para a contratação das obras por falta de recursos.

Desde 2013, o Iphan vinha estruturando o PAC CH. À época, o programa previa 422 ações estratégicas distribuídas em 44 cidades e 20 estados brasileiros. Ao todo, cerca de R$ 800 milhões haviam sido destinados ao programa, ainda muito abaixo dos R$ 1,6 bilhão anunciados originalmente em 2013.

Concebido como um programa de ações estruturantes para as cidades selecionadas, o PAC CH enfrentou obstáculos que impactaram diretamente seu cronograma. Dois momentos foram decisivos: a crise político-econômica desencadeada após o impeachment da presidenta Dilma Rousseff, que provocou uma redução superior a 50% dos recursos entre 2015 e 2016; e a descontinuidade orçamentária imposta a partir de 2019, quando o orçamento do patrimônio cultural despencou quase 80% durante o governo Jair Bolsonaro.

Com o novo governo do presidente Lula, a diretriz mudou: era o momento de retomar os investimentos públicos no patrimônio cultural e retomar a participação na estratégia de desenvolvimento do país por meio do Novo PAC.

Em agosto daquele ano, o presidente Lula anunciou R$ 740 milhões para o patrimônio cultural, contemplando 144 obras e um novo edital nacional para 105 projetos. O anúncio representou a retomada do investimento público em patrimônio cultural em uma escala que o Iphan não via há muitos anos.

Esse movimento significou um aumento de quase seis vezes do orçamento em relação a 2022. Em 2025, o investimento anual já se aproximava de R$ 200 milhões e, ao longo do ciclo do PAC, cerca de R$ 654 milhões passaram a estar garantidos para ações de patrimônio cultural. Trata-se do maior orçamento nominal da história do PAC para o setor.

Também realizamos o edital com maior participação do Iphan. Foram mais de 800 propostas apresentadas, das quais selecionamos 105 novos projetos, com foco na descentralização regional dos investimentos e na articulação com o patrimônio imaterial, a arqueologia e o patrimônio afro-brasileiro.

Ao todo, foram selecionadas 13 ações diretamente relacionadas ao patrimônio imaterial, 22 voltadas ao patrimônio arqueológico e 14 destinadas ao patrimônio afro-brasileiro.

Com isso, chegamos a 243 ações, envolvendo 64 proponentes, em 25 unidades da federação e 85 municípios beneficiados. O investimento em patrimônio cultural passou, finalmente, a alcançar o país de forma mais capilarizada e diversa.

Foi esse cenário que permitiu a retomada do Novo PAC. Mas, com o programa anunciado, surgiu um desafio maior: já não cabia mais ao Iphan apenas elaborar projetos ou repassar documentação técnica, como inicialmente havia sido solicitado pela Fundarpe. Agora, o Instituto também transferiria recursos para execução direta das obras.

O Novo PAC, estruturado a partir do pacto federativo brasileiro, estimula na prática a consolidação do Sistema Nacional do Patrimônio Cultural. Cabe ao Governo Federal aprovar, financiar e supervisionar as ações. Aos governos locais compete apresentar a documentação técnica, contratar equipes e acompanhar a execução das obras.

Para realizar as ações do Iphan no Novo PAC, foi necessário estruturar uma extensa rede com mais de 90 parceiros, entre prefeituras, governos estaduais, universidades, autarquias federais e superintendências do próprio Instituto.

Cada parceiro possui níveis distintos de maturidade institucional para tocar as ações. Mas a regra geral ainda é, infelizmente, uma limitação de capacidades administrativas e técnicas. Em muitos casos, os técnicos responsáveis pelo patrimônio acumulam funções em outras áreas da gestão pública. Não foram raras as situações em que equipes locais indicavam que as ações do patrimônio precisariam aguardar demandas urgentes ligadas à saúde, educação ou infraestrutura.

No caso das ações de Olinda, o arranjo institucional construído envolveu uma forte parceria com o Governo de Pernambuco, por meio da Fundarpe. E aqui temos um exemplo concreto de como diferentes instâncias podem atuar de forma complementar e sinérgica na preservação do patrimônio cultural brasileiro.

A Fundarpe não apenas recebeu o projeto do Mosteiro de São Bento. A instituição realizou uma revisão crítica da proposta original e atualizou substan-

cialmente a intervenção, adequando-a ao estado da arte das discussões técnicas do início do processo, em 2023. Optou-se por priorizar os elementos integrados da igreja e do mosteiro, além da estabilização dos problemas estruturais existentes.

Também fizemos nossa parte. No âmbito do Novo PAC, o Iphan destinou 2,5% dos recursos ao contrato de cooperação com a Unesco, permitindo apoio técnico especializado para a gestão do programa. Isso possibilitou a contratação de consultorias em arquitetura, engenharia, administração, contabilidade, gestão contratual e assessoramento jurídico.

A Fundarpe teve atuação particularmente destacada. Reestruturou equipes, ampliou capacidades técnicas e mobilizou quadros com conhecimento especializado e habilidade política. Sob liderança de Renata Borba, a instituição consolidou-se como uma das principais executoras de ações de patrimônio no âmbito do PAC entre 2023 e 2026. Ao todo, foram mais de R$ 45 milhões viabilizados em oito ações, envolvendo obras e projetos em Recife, Olinda e Fernando de Noronha.

Para viabilizar uma ação como a do Mosteiro de São Bento, muitas forças precisam convergir simultaneamente: vontade política, institucionalidade, capacidade técnica e coordenação administrativa.

Se o Mosteiro já era um marco da paisagem de Olinda, presente na memória urbana, no carnaval e na música pernambucana, passa agora também a simbolizar algo maior: um exemplo concreto de como pode funcionar, na prática, o Sistema Nacional do Patrimônio Cultural brasileiro.

UMA OBRA DE MUITAS MÃOS

Desde 1597, cada canto e recanto da Basílica do Mosteiro de São Bento de Olinda está impregnado de assinaturas silenciosas. Não são nomes gravados em papel ou manuscritos nas paredes; suas assinaturas são a própria arte manual que eles ajudaram a construir nos forros, nas capelas, nos altares. Sobre esses registros mais antigos, muitos outros se juntaram ao longo dos séculos, com as obras de ampliação, reforma, conservação e restauro do edifício religioso.

Em 2026, essas assinaturas ganham, finalmente, nomes e rostos nas fotografias de conservadores-restauradores e auxiliares, marceneiros e entalhadores que atuaram na obra de restauro da Basílica Abacial dos monges beneditinos. A Galeria de Trabalhadores é uma homenagem a todas e a todos que dedicaram seu tempo à preservação do patrimônio cultural brasileiro.

FOTOS: **PAULO ANDRÉ PEDROSA BEZERRA**



Pérside Omena Ribeiro

CONSERVADORA-RESTAURADORA,
RESPONSÁVEL TÉCNICA

“A minha ligação com o Mosteiro de São Bento de Olinda é muito profunda e remonta aos anos de 2000 e 2001, quando tive o projeto de restauro do retábulo-mor selecionado para integrar a exposição Brasil: Corpo e Alma, realizada no Museu Guggenheim, em Nova Iorque, em 2001. O restauro da peça foi executado por uma equipe da Fundação Joaquim Nabuco, sob minha responsabilidade técnica.

Posteriormente, entre 2003 e 2004, já pela empresa Grifo, retornei ao Mosteiro para coordenar o restauro do restante da talha da capela-mor, tribunas e cimalha do forro, dando continuidade à intervenção no conjunto, por meio de contrato firmado com o Iphan.

Esse período foi especialmente marcante para mim, pois coincidiu com o nascimento da minha filha, Luiza. A partir de seu primeiro mês de vida, ela passou a me acompanhar diariamente ao Mosteiro, permanecendo em um bercinho na Sacristia, onde era acolhida e cuidada por todos.

Em 2006, tive novamente a oportunidade de retornar ao Mosteiro para realizar o restauro do Crucifixo com Baldaquino, localizado no coro alto. Agora, tenho o imenso prazer de participar desta importante etapa de conservação e restauração dos bens integrados ao Mosteiro.

Por tudo isso, o carinho e o cuidado que tenho por esse monumento são imensos. Trata-se de uma ligação que ultrapassa o campo profissional: é uma relação profundamente afetiva, construída ao longo da minha trajetória e entrelaçada à minha própria história de vida.”



Luiz Augusto Borges

MARCENEIRO-ENTALHADOR,
COORDENADOR DE EQUIPE

“Sou escultor, pintor e desenhista autodidata, e atuo como marceneiro entalhador desde a primeira obra da Grifo, em 2003, quando participei da etapa de restauro da talha dourada da capela-mor do Mosteiro de São Bento de Olinda.

Sinto-me profundamente orgulhoso por participar desse resgate histórico e por fazer parte desta equipe. Restaurar esses elementos é, de certa forma, devolver ordem, beleza e sentido a um espaço carregado de memória, permitindo um mergulho nas relações sensoriais vividas por outras gerações. Um exemplo disso é a recuperação da pintura do forro do nártex, que não era vista há séculos. Tenho profundo interesse e total compromisso com a conservação e o restauro dos elementos artísticos integrados a este monumento. É uma grande satisfação contribuir, ainda que com uma pequena parcela, para que as futuras gerações possam contemplar novamente a beleza, a história e a essência original desta igreja.”



Renato Junior da Silva

CONSERVADOR-RESTAURADOR,
COORDENADOR DE EQUIPE

“Tive a oportunidade de fazer parte da equipe de restauração do Mosteiro de São Bento de Olinda nesta última fase. É com muita satisfação e dedicação, junto à equipe, que vivenciamos um grande marco na história e cultura de Olinda. Um trabalho em que pudemos sentir o passado em todas as suas nuances de cores, formas e um dourado que encanta os olhos de todos que apreciam sua beleza.”essência original desta igreja.”

Tiago José dos Santos

CONSERVADOR-RESTAURADOR

“Grato! É o sentimento pela oportunidade de me expressar nessa publicação.

Sempre que participo de um trabalho de restauração de um monumento, fico imaginando quem eram as pessoas que concretizaram aquela obra, quem executou intervenções de conservação ou mesmo restaurações que possibilitaram que aquele bem resistisse ao tempo (nem sempre a conservação é levada a sério pelos guardiões daquele monumento histórico).

É honroso para mim poder deixar registrado o que sinto com relação a esse trabalho no Mosteiro de São Bento.

Tenho trabalhado na restauração de bens culturais desde 1990. Desde então, já participei de diversos projetos de relevância no sentido de preservar o nosso patrimônio. Quanto a empreitada atual, sinto grande satisfação por contribuir com o meu trabalho em uma obra tão abrangente que garantirá a sobrevida desse monumento para que as pessoas continuem se maravilhando com a beleza desse lugar.

Nessa jornada que sigo no trabalho de restauração, coloco o Mosteiro de São Bento em Olinda como um dos mais ou o mais importante lugar que trabalhei. Estive na equipe que restaurou o altar-mor comandada pela restauradora Pérside Omena Ribeiro, em 2001, em um trabalho executado num período de tempo considerado, por muitos, impossível de ser feito pelo estado de conservação que encontramos o altar (missão cumprida).

Depois fui convidado por Pérside para mais uma intervenção, no ano de 2003/04, dessa vez, nas tribunas e cimalhas da capela-mor. Em 2006, participei da desmontagem do crucifixo e baldaquino. Na atual restauração, estou engajado desde janeiro de 2025.

Por isso tenho um sentimento de muito carinho pelo Mosteiro de São Bento que, além de tudo, fica em uma cidade Patrimônio da Humanidade, onde escolhi para viver. Olinda faz a minha vida ter sentido!”





Patrícia Alves de Souza

GERENTE ADMINISTRATIVA

“Em 2003, fui convidada a fazer parte do quadro de funcionários da empresa Grifo, onde trabalho até hoje como Gerente Administrativa. Naquele momento, iniciava uma experiência profissional em uma área que, para mim, era totalmente desconhecida, pois nunca havia trabalhado com nada parecido. Já se passaram 23 anos de muito aprendizado e encantamento, e tudo começou justamente aqui, no Mosteiro de São Bento de Olinda.

Naquela ocasião, estávamos restaurando as tribunas e a cimalha do forro da capela-mor, a primeira obra executada pela Grifo. Lembro perfeitamente do estado de conservação em que as peças se encontravam, com profundas lacunas e partes carcomidas por cupins. Fiquei muito impressionada e me perguntava como tudo aquilo poderia ser restaurado e voltar ao seu lugar de origem. Mas foi exatamente isso que aconteceu. Ao ver o resultado final, fiquei profundamente emocionada.

Hoje, continuo admirando o trabalho dos meus colegas restauradores, assim como o profissionalismo, a dedicação e o cuidado da minha diretora, Pérside Omena. Cada trabalho concluído, para mim, parece um milagre: algo quase divino, em que conhecimento, sensibilidade e dedicação se unem para devolver beleza e vida a bens tão importantes. Sou apaixonada por esse trabalho e pelo significado que ele carrega. Saber que, ao restaurarmos um monumento tão grandioso como a Igreja do Mosteiro de São Bento de Olinda, estamos contribuindo para manter viva a história e preservar a cultura do nosso estado é motivo de muito orgulho.”

Maria do Rosário dos Santos Bispo

CONSERVADORA-RESTAURADORA
E ESPECIALISTA EM DOURAMENTO

“Meu nome é Maria do Rosário, mas no mundo do restauro todos me conhecem como Rosa. Para nós, restauradores, a obra do Mosteiro de São Bento era algo muito aguardado; estava todo mundo ansioso para que o projeto saísse do papel. Quando finalmente aconteceu e eu fui escolhida para a equipe, para mim foi muito gratificante, fiquei muito feliz. E estou aqui, dando o máximo que eu posso para essa beleza que está ficando.

É muito gratificante ver o processo desde o início. Chegamos aqui e encontramos tudo deteriorado, e agora estamos colocando cada detalhe de volta em seu lugar, para entregar esse encanto à população. Sou de Olinda e é mais gratificante ainda estar trabalhando na minha cidade. Está sendo uma experiência maravilhosa.

Embora eu faça de tudo um pouco na obra, a parte em que me destaco e que mais amo fazer é o douramento. Gosto de pegar a peça desde o nivelamento, passar o bolo, brunir e deixar reluzente, deixar lindo”.



ARTIGO

O PROCESSO DE CONTRATAÇÃO DOS SERVIÇOS DE RESTAURO NO MOSTEIRO DE SÃO BENTO

Por Frederico Almeida, Diretor de Obras e Projetos Especiais da Fundarpe

Os bens móveis e integrados constituem o conjunto de elementos artísticos que conferem identidade e riqueza estética às edificações históricas. Altares, pinturas, talhas, douramentos, púlpitos e tribunas ultrapassam a função decorativa e tornam-se expressões materiais da memória, da espiritualidade e da cultura.

No campo da preservação patrimonial, distinguem-se os bens imóveis — edificações e estruturas arquitetônicas — dos bens móveis e integrados, compostos pelos elementos artísticos vinculados à edificação. Embora complementares, tratam-se de áreas técnicas distintas, com metodologias e especializações próprias.

A restauração de bens móveis e integrados exige mão de obra altamente especializada, conhecimento histórico e domínio de técnicas tradicionais. Diferentemente das intervenções em bens imóveis, vinculadas à arquitetura e à engenharia, o restauro de bens integrados demanda profissionais especializados em conservação e restauração artística.

O conjunto arquitetônico do Mosteiro de São Bento de Olinda representa um dos mais importantes conjuntos artísticos do patrimônio cultural brasileiro, reconhecido pelo Iphan por meio do tombamen-

to federal, além da proteção estadual assegurada pela Fundarpe, conforme a Lei Estadual nº 7.970/70.

A elaboração do processo de contratação dos serviços de restauração revelou importantes desafios técnicos e jurídicos. Tornou-se necessário demonstrar aos órgãos de controle que os serviços previstos não se enquadravam como obras comuns de engenharia, mas como atividades especializadas de natureza predominantemente intelectual, conforme estabelece a Lei nº 14.133/21.

As tabelas referenciais oficiais de obras públicas, como SINAPI e SICRO, não contemplam composições específicas para conservação e restauração de bens móveis e integrados, exigindo a construção de metodologia própria de orçamento. Assim, os custos referenciais foram definidos por meio de cotações de mercado para materiais, mão de obra especializada, equipamentos e infraestrutura necessários aos serviços.

O projeto de restauração baseou-se em vistorias técnicas, prospecções pictóricas e estruturais não destrutivas, diagnósticos detalhados e registros fotográficos de cada elemento artístico, permitindo o mapeamento dos danos e a definição das soluções de restauro adequadas a cada conjunto.

Após a elaboração do projeto e orçamento, foram produzidos os Estudos Técnicos Preliminares (ETP) e o Termo de Referência (TR), justificando a necessidade de contratação especializada para garantir a preservação adequada dos bens artísticos do Mosteiro. A empresa Grifo Diagnóstico e Preservação de Bens Culturais, comandada pela restauradora Pérside Omena, reconhecida pelo notório saber e profundo conhecimento dos materiais e técnicas do Mosteiro, foi convidada a apresentar proposta por inexigibilidade de licitação.

A experiência evidenciou a necessidade de criação de tabelas oficiais e composições de custos específicas para serviços de conservação e restauração de bens culturais, proporcionando maior segurança técnica e jurídica aos órgãos públicos e profissionais da área.

EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

A educação patrimonial, atividade permanente estimulada pelo Iphan, é fundamental na construção do conhecimento que leva à apropriação dos bens de valor cultural pela sociedade. Nesse sentido, nada melhor do que a obra de restauro de um bem tombado para colocar a teoria em prática. A Basílica Abacial do Mosteiro de São Bento de Olinda, que passou por intervenções no âmbito do Novo PAC, cumpriu magistralmente esse papel no decorrer da obra.

Entre 24 de maio e 27 de novembro de 2025, o canteiro de obras transformou-se em uma sala de aula viva. Ao todo, 102 estudantes de Arquitetura e Urbanismo, 21 alunos de Engenharia e 18 técnicos da área de patrimônio histórico participaram de visitas técnicas promovidas pela Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe). O objetivo foi dialogar com os conservadores-restauradores e ver de perto a execução dos trabalhos de salvaguarda no edifício histórico.

RONNY COLORS | FUNDARPE



SILLA CADENGUE | FUNDARPE



A iniciativa mobilizou professores e estudantes de diversas instituições de ensino:

• Engenharia: Escola Politécnica da Universidade de Pernambuco (Poli-UPE, Recife).

• Arquitetura e Urbanismo: Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Centro Universitário Maurício de Nassau (Uninassau, Recife) e Faculdade de Ciências Humanas ESUDA (Recife).

As visitas contaram também com a participação de técnicos da Fundarpe e de representantes da Superintendência do Iphan em Pernambuco e do seu Escritório Técnico de Olinda (ETO-Iphan).

SILLA CADENGUE | FUNDARPE



RONNY COLORS | FUNDARPE



SILLA CADENGUE | FUNDARPE



SILLA CADENGUE | FUNDARPE



EDUARDO CUNHA| FUNDARPE



SILLA CADENGUE | FUNDARPE



FICHA TÉCNICA DA OBRA

TIPO DE INTERVENÇÃO E NOME DO BEM

RESTAURAÇÃO DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO – BENS INTEGRADOS

LOCALIZAÇÃO
RUA DE SÃO BENTO S/N, VARADOURO, OLINDA-PE
DATA DE INÍCIO
10/2024
DATA DE CONCLUSÃO
06/2026
ÁREA TOTAL DA INTERVENÇÃO:
1.826,34 m2

VALOR TOTAL DO INVESTIMENTO:
R$ 16,4 MILHÕES

ÓRGÃOS RESPONSÁVEIS

EXECUÇÃO: FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO, GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO
GESTÃO PAC OBRAS: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

EQUIPE FUNDARPE

RENATA DUARTE BORBA, PRESIDENTE
LIDIANE PESSOA CÂNDIDO DA COSTA PEREIRA, VICE-PRESIDENTE
FREDERICO FARIA NEVES ALMEIDA, DIRETORIA DE OBRAS E PROJETOS ESPECIAIS
SANDRA ALVES BARBOSA SPINELLI, SUPERINTENDENTE DE PROJETOS ESPECIAIS DA DIRETORIA DE OBRAS E PROJETOS ESPECIAIS
AUDÍSIO MARQUES DE SOUZA NETO, SUPERINTENDENTE DE OBRAS DA DIRETORIA DE OBRAS E PROJETOS ESPECIAIS
ANA CLÁUDIA ALVES FLORÊNCIO DE MELO, ASSESSORA TÉCNICA DA DIRETORIA DE OBRAS E PROJETOS ESPECIAIS
FABÍOLA DE SOUZA GOMES, ENGENHEIRA CIVIL/ ORÇAMENTISTA DA DIRETORIA DE OBRAS E PROJETOS ESPECIAIS
MAGDALENA WERNECK, ASSESSORA TÉCNICA DA DIRETORIA DE OBRAS E PROJETOS ESPECIAIS
CÉLIA CAMPOS, DIRETORA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
CRISTIANE FEITOSA CORDEIRO DE SOUZA, SUPERINTENDENTE DE PATRIMÔNIO MATERIAL DA DIRETORA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
EVA FONSECA PASSAVANTE NEVES, ASSESSORA TÉCNICA DA DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
FLÁVIO BARBOSA DA SILVA, GERENTE DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E ARTICULAÇÃO DA DIRETORA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
JESUS ANDERSON BEZERRA DE JESUS, ASSESSOR TÉCNICO DA DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
RIVALDO ALVES CASADO FILHO, ASSESSOR TÉCNICO DA DIRETORIA DE PRESERVAÇÃO DO PATRIMÔNIO CULTURAL
PATRÍCIA ELY, AGENTE DE CONTRATAÇÃO
CAROLINE LIRA, APOIO ADMINISTRATIVO
ANA PAULA MEDEIROS DE MACEDO, DIRETORIA JURÍDICA
MARIA DA SILVEIRA BARROS GALLIZA, ASSESSORA JURÍDICA
ALFREDO OTTONI DE CARVALHO NETO, DIRETORIA ADMINISTRATIVA FINANCEIRA
PABLO NAVARRO VALENÇA, SUPERINTENDENTEDE ADMINISTRAÇÃO E COMPRAS
EDILEUSA MADEIROS ROCHA, CHEFE DA UNIDADE FINANCEIRA
JULIANO CESAR CAMARGO RAMOS, ASSESSOR TÉCNICO
AROLDO VICENTE DA SILVA JUNIOR, ASSESSOR ADMINISTRATIVO
MAÍSA PESSOA RODRIGUEZ, CONTADORA
JOÃO MÁXIMO MARINHO FALCÃO DA SILVA, CONTADOR
VALENTINE HEROLD, GERENTE DE COMUNICAÇÃO
JOYCE LACERDA, SOCIAL MEDIA
IGOR GOMES, ASSESSOR DE IMPRENSA
SILLA CADENGUE - FOTÓGRAFA
ALEF TIBURCIO, VIDEOMAKER

EQUIPE IPHAN

DIRETOR DO DEPARTAMENTO DE AÇÕES ESTRATÉGICAS E INTERSETORIAIS (DAEI)
DANIEL SOMBRA

COORDENADORA-GERAL
DANIELI HELENCO

EQUIPE

ALBERVAN DE SOUZA MIRANDA
BRUNO SALOMÃO MARIOTO RESENDE
MAISA BRAGANÇA ALVES FERNANDES
MARIA GABRIELA FERNANDES DE ALBUQUERQUE ÁVILA QUEIROZ
MAURÍCIO PINHEIRO DA COSTA SOUZA
MÚCIO BONIFÁCIO GUIMARÃES FILHO
NACELLE FREIRE DA SILVA
RODRIGO VILLA NOVA BARBOSA PANZA
VALÉRIA FERRARI WALIGORA
VINÍCIUS NORONHA MATOS

EQUIPE IPHAN-PE

FREDERICO DE VASCONCELOS BRENNAND, SUPERINTENDENTE

ESCRITÓRIO TÉCNICO DE OLINDA

ANA PAULA MOTA DE BITTENCOURT DA COSTA LINS, CHEFE
AMARILES ARAÚJO DA SILVA ANDRADE, TÉCNICA EM EDIFICAÇÕES, CHEFE SUBSTITUTA
MARÍLIA LOPES BEZERRA CIRENO, ARQUITETA E URBANISTA
VICTOR TAKESHI ALBUQUERQUE KITAOKA, TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES
DANIELE NASCIMENTO DE ANDRADE, APOIO ADMINISTRATIVO

COORDENAÇÃO TÉCNICA

MARINA BELTRÃO RUSSELL, ARQUITETA E URBANISTA, COORDENADORA TÉCNICA
ALLAN LEONARDO SILVA, ARQUEÓLOGO, COORDENADOR TÉCNICO SUBSTITUTO
ADRIANA WOLF NOGUEIRA, BIBLIOTECÁRIA
ADRIJANE BRENDA DA SILVA SANTOS, APOIO ADMINISTRATIVO
EVERALDO JOSÉ DE MELLO, RESTAURADOR E CONSERVADOR
GABRIELA PONTES MONTEIRO, ARQUITETA E URBANISTA
JOHNATAN SANTIAGO DA SILVA GALVÃO, ENGENHEIRO CIVIL
LÍVIA MORAES E SILVA, PATRIMÔNIO IMATERIAL
LUCIANA CRISTINA DA SILVA BRITO, APOIO ADMINISTRATIVO
MARCELO DE BRITO ALBUQUERQUE PONTES FREITAS, ARQUITETO E URBANISTA
MARCELO DE LIMA FERREIRA, ARQUIVISTA
MARCOS VINÍCIUS SIMÃO, ARQUITETO E URBANISTA
MARIA CRISTINE SOARES MATOS OLIVEIRA, RESTAURADORA E CONSERVADORA
MARIANA MAIA CARNEIRO DE SOUZA CASTRO, CHEFE DE SERVIÇO
MÔNICA ALMEIDA ARAÚJO NOGUEIRA, ARQUEÓLOGA
PATRÍCIA VALÉRIA MORAES DO RÊGO, BIBLIOTECÁRIA
ROMERO DE OLIVEIRA E SILVA FILHO, HISTORIADOR
STELLA SOLENE DA SILVA, APOIO ADMINISTRATIVO
THAMIRES HELENA OLIVEIRA NEVES, HISTORIADORA
VANESSA MASCHIO DOS REIS, ARQUITETA E URBANISTA
VINÍCIUS DE PAULA ARAGÃO, PATRIMÔNIO IMATERIAL

COORDENAÇÃO ADMINISTRATIVA

AMANDA RODRIGUES FERNANDES LUNDGREN DE MELO, ADMINISTRADORA, COORDENADORA ADMINISTRATIVA
CAROLINE DE BRANCO RODRIGUES PESSOA, ANALISTA, COORDENADORA ADMINISTRATIVA SUBSTITUTA
ALEXSANDRO GUERGOLET, AUXILIAR INSTITUCIONAL
BIANCA MARQUES GALINDO, APOIO ADMINISTRATIVO
EDMILSON DA SILVA SOUZA, ASSISTENTE ADMINISTRATIVO
EDVALDO JOSÉ DA SILVA, AUXILIAR DE SERVIÇOS DIVERSOS
FERNANDA CARNEIRO DE ANDRADE LIMA, ANALISTA
GABRIELA CAETANO DA SILVA SANTOS, APOIO ADMINISTRATIVO
GERCINO JOSÉ DE OLIVEIRA, APOIO ADMINISTRATIVO
JOSÉ CARLOS MARINHO DA SILVA, ARTÍFICE
JOSÉ OSMAR DA ROCHA, ARTÍFICE
MARIA PATRÍCIA BATISTA DE MOURA, APOIO ADMINISTRATIVO
MARCOS ANTÔNIO JOSÉ DE SOUZA, ARTÍFICE
MARIANA DE BARROS GUIMARÃES MAIA, AUXILIAR INSTITUCIONAL
RAFAELA LICÓ DA SILVA, APOIO ADMINISTRATIVO

CONSULTORAS UNESCO

CYNTIA GOUVEIA BEZERRA, ENGENHEIRA CIVIL
TAMARA MARIA DE ANDRADE BONILLA, ENGENHEIRA CIVIL

ESTAGIÁRIOS

BRENO CEZAR DA SILVA DIAS, TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES
DIANA DO NASCIMENTO LIMA, ARQUEOLOGIA
GISELLA MARIA SILVEIRA DE ANDRADE, ARQUITETURA E URBANISMO
LEANDRO FERREIRA DE LIMA, TÉCNICO EM EDIFICAÇÕES
LUCIANO APOLONIO DA SILVA, ARQUITETURA E URBANISMO

RECEPCIONISTAS

DANILLO LEAL DE BARROS
MARIA ANDECARLA SANTOS SILVA

MOTORISTAS

ALLYSON BARBOSA DE BRITO
CLEYBSON DE OLIVEIRA TORQUATO
WAGNER FRANKLIN RODRIGUES SILVA

SEGURANÇAS PATRIMONIAIS

ADEMAR MANOEL DA SILVA FILHO
ANDREA AGUIAR DOS SANTOS
COSME LUIZ CORREIA DO NASCIMENTO
DINIZ PINHEIRO TORRES
EDSON PEREIRA DE SOUZA JUNIOR
ELIAQUIM SANTOS DE ANDRADE
EDUARDO DOS SANTOS GOMES
ERNANDO LUIZ FRANCELINO DA SILVA
JAIR ANTÔNIO NASCIMENTO
JOÃO BATISTA DA SILVA
JOÃO PAULO DA CRUZ
REGINALDO FAUSTINO DA SILVA
SIMONE LIMA DA SILVA
TONE DÓRIO DE OLIVEIRA

SERVIÇOS GERAIS

EDIVÂNIA COSTA DA SILVA
GALILEU JOSÉ DE OLIVEIRA
JOSÉ ROBSON DE ALENCASTRO MACHADO
MARCOS ANTÔNIO DA SILVA FILHO
MARIA PETRÚCIA DE FREITAS
MARILEIDE DIAS ALVES DE SOUZA

SUPERVISÃO TÉCNICA

IPHAN

ELABORAÇÃO DO PROJETO E EXECUÇÃO DA OBRA

EXECUÇÃO
GRIFO DIAGNÓSTICO E PRESERVAÇÃO DE BENS CULTURAIS LTDA.

RESPONSÁVEL TÉCNICA E COORDENAÇÃO GERAL
PÉRSIDE OMENA RIBEIRO

COORDENAÇÃO DE EQUIPES
LUIZ AUGUSTO BORGES DA SILVA
RENATO JÚNIOR DA SILVA

EQUIPE TÉCNICA
ALEX DAVID BARROS DA SILVA
ALEXSANDRA FERREIRA LEITE
ALICE DA SILVA SERAFIM
AMANDA CALAZANS PEREIRA
AMANDA KAROLINA SILVA DO NASCIMENTO
ANDREA DUARTE DA SILVA
ARTHUR PELÓPIDAS DE QUEIROZ NETO
BEATRIZ MOREIRA DA NÓBREGA
BRUNA MOREIRA FIGUEIREDO
CARLA MARCELINA DOS SANTOS ARRUDA
DARA MARAÍ DA SILVA
DARLAN SANTOS DA ROCHA
DAVI ASCENDINO CASTILHO
DIEGO DE MORAES SILVA
DJALMA MARQUES DA SILVA
EDSON DUÍLIO CARLOS DOS SANTOS
ERALDO OMENA RIBEIRO JÚNIOR
FLÁVIA ZANARDINI ALVES ROSA
FRANCISCA EDILENE DA SILVA
GLEICE BARBOSA DA SILVA
HAMILTON GERMANO DA SILVA JÚNIOR
HÉLIO JOSÉ DA SILVA JÚNIOR
JAIRSON ALVES DA ROCHA
JACIEL JOSÉ DE OLIVEIRA BASTOS
JOSEANE CRISTINA FRANÇA DE LIRA
JOSEANY MARIA SILVA
JOSÉ ANDERSON SILVA SANTOS
JOSÉ DAVID NASCIMENTO
JOSENILDO EMÍLIO DE SENA SANTOS
JULIANA DE ARAÚJO ANDRADE
KARLA FABIANA LEITE GUSMÃO
MARCONE AMORIM BATISTA
MARIA ALESSANDRA SILVA DE SOUZA
MARIA DO ROSÁRIO DOS SANTOS BISPO
MARIA GORETTE ARAÚJO CARVALHO
MARYANA NASCIMENTO SILVA
MATHEUS ROSA DE SOUZA
MIRELA MARIA SANTOS SILVA

NATÁLIA DE ARAÚJO SILVA OLIVEIRA
PEDRO NEMROD DA SILVA
RAFAELLE EDILENE DE SOUZA
RITCHELLY SOARES DA SILVA
RUI CRUZ PACHECO
SÓCRATES DO NASCIMENTO ALVES
SOFIA DE ASSIS HUNKA
TAYRONE KLEBER BARBOSA DA SILVA
TIAGO JOSÉ DOS SANTOS
VALERIA SUZANA DE ALMEIDA WANDERLEY
YASMIN CAVALCANTI TOSCANO DE MELO
YURI CAVALCANTI BITTENCOURT

ESTAGIÁRIOS
NICOLE FERNANDA DE PAULA ALMEIDA
LUCIANO ALVES DA SILVA
HENRIQUE DE ANDRADE MOURA

EQUIPE ADMINISTRATIVA
CLAUDIA CÉLIA TOSTA LIMA
PATRÍCIA ALVES DE SOUZA
SÉRGIO DA SILVA LIMA

DOCUMENTAÇÃO FOTOGRÁFICA
ELPÍDIO LINS SUASSUNA (in memorian)
PAULO ANDRÉ PEDROSA BEZERRA
ROBSON LEMOS

DESENHOS GRÁFICO E ARQUITETÔNICO
FELIPE EUGENIO DA SILVA
GUILHERME L'AMOUR

PRESTADOR DE SERVIÇO
WILLIAM GOMES SÁ - PINTURA

PESQUISA HISTÓRICA E ICONOGRÁFICA
FERNANDO PONCE DE DANTAS LÉON

ANÁLISES FÍSICO-QUÍMICAS
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, NÚCLEO DE METROLOGIA ARQUEOLÓGICA DE PATRIMÔNIO CULTURAL
PROF. HENRY SÓCRATES LAVALLE SULLASI

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, LABORATÓRIO DE CIÊNCIA DA CONSERVAÇÃO/LACICOR/CECOR/EBA

PROF. DR. LUIZ ANTÔNIO A. SOUZA

DOUTORANDA - DÂMIA CARINA DIAS DO CARMO

BOLSISTA DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA - ISABEL BOUZADA RIBEIRO NETTO

EMPRESAS PRESTADORAS DE SERVIÇOS

ALFA MONTAGEM – MONTAGEM E DESMONTAGEM DE ANDAIME.

DALUZ ILUMINAÇÃO - EDITE MARIA BARROSO DE ARAÚJO E SUZANA GONÇALVES BARBOSA - ARQUITETAS

ECIMA – ERRADICAÇÃO E CONTROLE DE INSETOS DA MADEIRA - LUCIANO SERPA - RESPONSÁVEL TÉCNICO.

PASHAL PE LOCADORA DE EQUIPAMENTOS LTDA – LOCAÇÃO DE ANDAIMES.

REALIZA ENGENHARIA PE – CHARLES M. G. C.PITANGA – ENGENHEIRO ELETRICISTA

SOMMAR SOLUÇÕES SUSTENTÁVEIS – CATARINA TÁVORA MAIA – ENGENHEIRA QUÍMICA.

SUASSUNA AMBIENTAL - DRª JOANA SUASSUNA - BIÓLOGA

PROF. DR. RENATO LÚCIO MENDES ALVARENGA – UFPE.

O corpo do texto deste livro foi composto com fontes
da família chronicle display. Para os títulos utilizou-se a
Zuume , projetada pelo Adam Ladd do Adobe Type kit.
Tiragem de 1200 exemplares,
impressos em papel couchê fosco 150g pela
Athalaia Gráfica e Editora

FUNDARPE
FUNDAÇÃO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE PERNAMBUCO

Secretaria
de Cultura

GOVERNO DE PERNAMBUCO
ESTADO DE MUDANÇA

NOVO PAC
DESENVOLVIMENTO E SUSTENTABILIDADE

IPHAN

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO


RESTAU
RESTAU
RESTAU


TURBO



Edições IPHAN

COOPERAÇÃO
unesco